


**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

ALINE SANTANA CASTELO BRANCO

**EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO ALTERNATIVA  
PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO**



ARARAQUARA/SP

2016

ALINE SANTANA CASTELO BRANCO

**EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO ALTERNATIVA  
PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. **Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro**

ARARAQUARA/SP

2016

Branco, Aline Santana Castelo.

EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO  
ALTERNATIVA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA  
INTERVENÇÃO / Aline Santana Castelo Branco – 2016.

**82 f.**

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade  
Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras  
(Campus Araraquara).

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Radio Escola . 2. Educação Sexual. 3. Educomunicação. 4. Sexualidade.  
5. Intervenção. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Araraquara



**ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA**

Atestamos que **ALINE SANTANA CASTELO BRANCO**, RA nº: 179560-1, RG nº 7.766.072-27, expedido pela SSP, defendeu, no dia 02/12/2016, a dissertação intitulada **EDUCAÇÃO SEXUAL E COMUNICAÇÃO: O RÁDIO COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS A PARTIR DE UMA INTERVENÇÃO**, junto ao Programa de Pós Graduação em **EDUCAÇÃO SEXUAL**, Curso de Mestrado Profissional, tendo sido 'APROVADA'.

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Araraquara, 02 de dezembro de 2016

  
André Celoni Medina  
Supervisor de Setor  
Setor Técnico de Pós-Graduação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Dissertação apresentada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### BANCA EXAMINADORA

---

Orientador - Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Campus Araraquara.

---

1ª Examinador - Profa. Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues. Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA/Jaguarão (RS)

---

2ª Examinador - Prof.<sup>a</sup> Dr. Luci Regina Muzzeti Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, campus Araraquara.

ARARAQUARA/SP

2016

**Ao meu Rê....**

Amor de construção. Amor de vida. Amor de agora. A você por vivenciar esse momento de angústia, de luta e de construção de uma nova carreira.

## **AGRADECIMENTO**

Ao meu marido pela paciência nesses anos de estudos, pela contribuição e ajuda no decorrer da pesquisa, por todo amor e dedicação.

À grande incentivadora a professora e Doutora Carla Daniela Rabelo Rodrigues foi quem me fez entender a importância de ingressar na área acadêmica.

À médica e ginecologista Dr. Karla Kalil com quem desenvolvi projetos importantes na área do comportamento sexual dos brasileiros.

Ao meu orientador Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro pelos conselhos, artigos produzidos e apoio na pesquisa.

Aos colegas de turma pelo tempo de convivência e experiências compartilhadas.

À direção da escola estadual Helena Cury de Tacca pela disponibilidade em realizar o trabalho de campo com os alunos do colégio

“A sexualidade como possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se o tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente”.

(Paulo Freire, 1993)



## RESUMO

Esta pesquisa de mestrado teve como objetivo investigar, se existe uma pré-disponibilidade dos adolescentes do ensino fundamental e médio, de uma escola estadual na zona norte de Franca, em São Paulo, em promover, a educação sexual por meio de uma extraprogramação pedagógica realizada dentro do ambiente escolar. Como sugestão nesse processo de intervenção foi proposto à implantação de um programa de rádio feito pelos próprios alunos, com a supervisão desta pesquisadora. Trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa com referências teórico-metodológicas fundamentadas por Paulo Freire no que tange à problematização, humanização, visão totalizadora do ser humano e diversidade. Para o levantamento dos dados, primeiramente, foram feitas entrevistas e aplicação de questionário com dez alunos do Grêmio Escolar. Como parte dos resultados, quando questionados se queriam discutir sobre sexualidade na escola, nove alunos responderam que sim e apenas um “achou vergonho”. A pesquisa incluiu ainda apresentação de temas transversais, dinâmicas e observação dos participantes. No entanto, as abordagens sobre sexualidade, causaram um incômodo social entre os docentes, que interromperam a pesquisa nas etapas finais, provocando uma “castração”. Para os professores, todo o processo estava incentivando o ato sexual, já que, parte dos alunos é evangélica, o que reforça a religião como instituição reguladora e o estigma diante do sujeito como detentor de um corpo discursivo.

**Palavras-Chave:** Rádio Escola; Educação Sexual; Educomunicação; Intervenção.

## ABSTRACT

This master's research aimed to investigate if there is a pre-availability of adolescent primary and secondary school, a state school in the north of France in São Paulo, to discuss the process of sexual education through extra-programming pedagogical held within the school environment. As a suggestion that intervention process was proposed the implementation of a radio program made by the students, with the supervision of the researcher. This is a qualitative action-research with theoretical and methodological references founded by Paulo Freire regarding the questioning, humanization, totalizing vision of the human being and diversity. To gather data, first, interviews were conducted and a questionnaire with ten students of the Guild School, as part of the results, when asked if they wanted to discuss sexuality at school, nine students answered yes and only one, do not like it because "I find shameful". The survey also included the presentation of cross-cutting themes, and dynamic observation of the participants. However, approaches to sexuality, social caused annoyance among the teachers, who promoted a "castration" by stopping the search in the final stages. For teachers the whole process was encouraging the sexual act, as the students are evangelical, which reinforces the prejudice and stigma on the subject as having a discursive body.

**Keywords:** Radio School; Sexual education; Sexuality Program; Intervention

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBES	Círculo Brasileiro de Educação Sexual
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
DST	Doença Sexualmente Transmissível
ES	Educação Sexual
EDUCASEX	Espaço de Formação em Educação Sexual
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
ONG	Organização não governamental
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
MEB	Movimento de Educação de Base
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Encontro com grupo de estudante do Grêmio Escolar _____	57
Figura 2 - Aula expositiva sobre sexualidade para alunos da pesquisa _____	61
Figura 3 – Homem Biscoito. Usado para explicar a diferença de gênero _____	62
Figura 4 – Jaqueline (Desenho criado pelos alunos na dinâmica de grupo) _____	64
Figura 5 – Edmar (Desenho criado por alunos na dinâmica de grupo) _____	65
Figura 6 – Pedro (Desenho criado por alunos na dinâmica de grupo) _____	65
Figura 7 – Sophia (Desenho criado por alunos na dinâmica de grupo) _____	66
Figura 8 – Bate papo para tirar dúvidas dos alunos sobre sexualidade _____	67
Figura 9 – Votação do tema para ser discutido no primeiro programa de rádio _____	69
Figura 10 – Montagem do mural para divulgar o programa de rádio _____	70
Figura 11 – Mural pronto com o tema escolhido pelos alunos _____	70
Figura 12 – Caixa de sugestões para colocar perguntas _____	71

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Você sabe o que é sexualidade? _____	58
Quadro 2 – Em qual disciplina o professor falou sobre sexualidade? _____	58
Quadro 3 – Como o assunto foi abordado nessa disciplina? _____	58
Quadro 4 – Você gostaria de discutir sexualidade no ambiente escolar? _____	59
Quadro 5 – Por quê? _____	59
Quadro 6 – Qual tecnologia de informação gostaria de usar na escola para falar de sexualidade? _____	59
Quadro 7 – Cite assuntos para serem abordados no programa de rádio sobre sexualidade _____	60
Quadro 8 – Resultado da votação do tema do programa de rádio _____	69

## APRESENTAÇÃO

Nos últimos quinze anos, o trabalho como jornalista de rádio e de televisão, me fez mudar o olhar sobre a forma como os temas ligados à sexualidade são abordados. Em 2009 nasceu na Rádio Metrópole FM, em Salvador, o programa Confessionário. Essa experiência me possibilitou um contato amplo com o universo da sexualidade dos adolescentes e das questões de gênero e educação sexual. Foram cinco anos no ar com o programa de rádio o que resultou na publicação do livro: “Eu Confesso, revelação de uma amante” (BRANCO, 2012). A obra, um romance ficcional, é baseada nos relatos dos ouvintes que participaram do programa Confessionário, abordando como principais temas, infidelidade, abandono, depressão e amor.

A ausência de uma estrutura, tanto familiar, quanto do próprio Estado, que possa oferecer auxílio a adolescentes, por exemplo, no sentido de promover um protagonismo é inexistente e, talvez, por isso, a mídia “tente” exercer esse papel. Como atingir diretamente a família é sempre delicado porque envolve um valor pessoal, o trabalho de conscientização do sujeito como uma potência e não uma ferramenta social deveria ser feito diretamente na escola, visto que, esse ambiente, constitui um lugar disponível para intervenções e ampliação do conhecimento.

É por isso, que a ideia de Werebe quando diz que a Educação Sexual deve ser centrada na criança e no jovem e ter como ponto de partida e de chegada suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e desejos, faz todo o sentido. (WEREBE, 1998, p. 178).

Segundo Paulo Freire, a rádio escola é um campo de oportunidade, consideravelmente importante, aos educandos e educadores, para se discutir os problemas que os cercam, baseados no sentimento da esperança e pensar o seu existir (FREIRE, 1974). Por isso, que a escolha do rádio como suporte se sustenta nessa pesquisa. Primeiro, pela relevância histórica, já que foi o primeiro veículo de massa do país. Segundo, pela sua força que o faz resistir, mesmo sem grandes inovações, ao tempo e também a veículos tecnologicamente mais modernos. Já a proposta de criar um programa radiofônico sobre sexualidade na escola se dá pelo caráter social e pela prestação de serviço, servindo como instrumento de apoio à educação fundamental.

Portanto, aqui ficam como objetivos: dialogar por meio de um veículo de comunicação (rádio); ouvir os jovens sobre o que pensam a respeito da sexualidade; se existe uma disponibilidade para promover uma intervenção na escola, no sentido de ampliar os conhecimentos na área, promovendo assim, de forma pedagógica a Educação Sexual, conceito que veremos mais adiante no decorrer desta pesquisa.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2 OBJETIVO</b>	18
2.1 Objetivos específicos	18
<b>3 A PEDAGOGIA POR TRÁS DA EDUCAÇÃO SEXUAL</b>	19
3.1 Sexualidades, um conceito de vida	19
3.2 Conceitos sobre Educação formal, informal e emancipatória	23
3.3 Educações Sexuais: uma visão histórica	29
3.4 O fim dos PCNs como referência e as novas resoluções	32
<b>4. COMUNICAÇÃO E A INTERFACE COM A SEXUALIDADE</b>	36
4.1 O que é Educomunicação	37
4.2 Representação da sexualidade no Brasil na televisão e no rádio	38
4.3 O rádio no Brasil	39
4.4 Rádio escola e a revolução no ensino público	45
<b>5 METODOLOGIA</b>	51
5.1 Momento da pesquisa	53
5.1.1 Observação dos participantes	53
5.2 Levantamento do universo temático	54
5.2.1 Escola	54
5.2.2 Participantes	54
5.3 Procedimento para coleta de dados e análise	55
5.3.1 Pedagogia de Paulo Freire	56
5.4 Intervenção Educativa	56
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS</b>	57
6.1 Resultado do questionário	57
6.2 Aula expositiva	60
6.3 Dinâmica do Diga Ai!	62
6.4 Atividade do desenho do corpo	63
6.5 Tirando dúvidas	67
6.6 Escolha do tema do programa de rádio	68
<b>7 CASTRAÇÃO E O IMPACTO NA PESQUISA</b>	70
<b>8 CONCLUSÃO</b>	75
<b>9 BIBLIOGRAFIA</b>	76



## 1. INTRODUÇÃO

A todo o momento, pais e professores são afrontados por muitos desafios. Dentre todos estes desafios, as questões relacionadas à vivência da sexualidade na infância e na adolescência têm recebido destaque. Na família, instituição apresentada sempre como harmônica e afetuosa, mas que também pode ser conservadora e opressora, os diálogos relacionados à sexualidade não são muito frequentes ou, em muitos casos, são inexistentes. Na escola, os debates na maioria das vezes, ocorrem de maneira tímida com enfoque nos aspectos biológicos e reprodutivos. Cria-se desta maneira, uma lacuna no desenvolvimento do adolescente como ser em construção, sendo este preparado para pensar a partir de uma lógica binária: certo ou errado, bom ou ruim, normal ou patológico, menino ou menina. Essa lógica uniformiza padrões que são estabelecidos por terceiros. Estudar o tema da sexualidade e sua interface com a pedagogia, infância, adolescência e escola, está entre esses desafios sociais.

Nesse sentido, a educação escolar deve ser concebida como uma prática que ofereça condições para os alunos desenvolverem as capacidades necessárias para compreender e participar da realidade que envolve diferentes tipos de relações sociais, políticas e culturais. Ao propor um trabalho sobre sexualidade na adolescência é importante considerar as identificações que os alunos possuem com os grupos ou modelos já construídos. Segundo Rossini (2005, p.17- 18), quando se recebe uma criança à porta de nossa sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciaram pela imposição cultural e social, assimilada ou não, bem elaborada ou não.

A questão da sexualidade teve e está tendo mudanças muito rápidas e radicais. O certo, hoje, é a dúvida de amanhã. Os valores sexuais e morais nem sempre são bem aceitos, pois, o proibido para uns, é o permitido para outros, e como os pais querem o melhor para os filhos, não sabem se estão agindo certo ou não, o qual muitas vezes, é colocado em um processo de confronto e enfrentamento dos próprios valores referentes à sexualidade, a ética e a moral.

## Segundo Werebe:

Os pais desempenham o papel de educadores, no domínio da sexualidade, muitas vezes de forma inconsciente, sem avaliar o alcance das medidas que tomam, dos discursos que desenvolvem, das atitudes que assumem [...] os pais educam mais pelo que fazem do que pelo que dizem. [...] (WEREBE 1988, p.148-149)

Seguindo o raciocínio de Werebe e concordando com a autora, é fácil notar a ausência de boa parte dos pais nas discussões sobre sexualidade, seja porque não possuem conhecimento para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. Por sua vez, a escola pode oferecer oportunidade por meio da valorização dos sentimentos, da ampliação dos referenciais do adolescente, colocando-os em contato com os referenciais de outros adolescentes, tais como: culturais, éticos e sociais, propiciando o aumento das escolhas, a construção de juízo de valores, limites, afeto, solidariedade, responsabilidades sobre os atos e atitudes que venham a realizar ou “experimental” no exercício da sexualidade, buscando uma melhoria na qualidade de vida.

A respeito da motivação por abordar o tema sexualidade dentro da escola, questionasse: por que esse assunto é abordado de uma maneira diferenciada, se ele é inerente ao ser humano? Por que os temas sobre sexo e sexualidade são envolvidos por certa atmosfera de constrangimento, vergonha, e transmitidos de modo diferenciado dos demais temas abordados na família, escola e grupos sociais? Figueiró afirma que:

Na verdade, todos nós a tivemos, ao longo de nossas vidas, desde que nascemos. Mesmo aquela garotinha que, ao chegar aos onze anos, por exemplo, não sabe a respeito de menstruação, ou sobre como nascem os bebês... teve educação sexual. Sim, porque o simples fato de ninguém conversar com ela sobre estes assuntos faz com que entenda que os adultos têm vergonha de falar sobre isso. Que este é um assunto feio e do qual não se fala. Isto, na verdade, já é um aprendizado sobre. Na escola, quando o professor de Ciências ensina sobre o aparelho circulatório, o respiratório etc. e não fala sobre o aparelho reprodutor, ou fala muito por cima, o aluno percebe que "aí tem coisa!" (FIGUEIRÓ 1999, p. 3-4)

Ao integrar a sexualidade como componente de trabalho pedagógico, pretende-se buscar mais qualidade de vida, semeando um futuro com mais esperança e sem preconceitos para os adolescentes e sua família em diferentes contextos. O fato é que para chegar a esse objeto, se faz necessário compreender a

importância da educação para conscientização da sexualidade. Um desafio, visto que hoje a Educação Sexual ou Educação para a Sexualidade<sup>1</sup> está cada vez mais distante desse jovem, pois quando chega à escola cada pessoa já carrega consigo os valores sexuais transmitidos pela cultura e sua concepção de sexualidade foi influenciada pela família e pelo grupo social do qual faz parte. (MAIA e RIBEIRO 2011).

Nesse sentido, num contexto pós-moderno, se faz necessário romper com alguns padrões sociais para se disseminar conceitos, por meio das tecnologias de informação, para que o jovem tenha mais um espaço de diálogos e ampliação de conhecimento. Por que esta explosão discursiva em torno da sexualidade adolescente? De que modo ela é focada como um problema social frente ao qual a escola é conclamada a intervir? E de que modo à escola constrói e organiza seu trabalho educacional em torno da sexualidade adolescente? Essas são algumas questões sobre as quais esta dissertação busca refletir.

---

<sup>1</sup> Alguns autores na década de 1990 preferiram usar o termo Educação Sexual como alternativa e por não aceitarem o termo Orientação Sexual proposto como intervenção na escola para atuar com questões sexuais, que, aliás, acabou sendo adotado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em 2009 Xavier Filha em seu artigo Educação para Sexualidade: carregar água na peneira? Propôs repensar a nomenclatura a se usar.

## **2 OBJETIVOS**

Propor um projeto de intervenção com criação de um programa de rádio na escola sobre sexualidade com finalidade pedagógica e com o objetivo de estimular a produção de material alternativo para os alunos.

### **2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Levantar questionamentos e dificuldades dos alunos com relação ao tema sexualidade.
- Saber o que os participantes entendem sobre sexualidade e como o assunto foi abordado em sala de aula.
- Pesquisar montagens de programas no rádio e na televisão sobre sexualidade já existente no Brasil.
- Analisar por meio da pesquisa-ação se há viabilidade e interesse na implantação de um programa sobre sexualidade pelas vias da rádio escola.

### **3 A PEDAGOGIA POR TRÁS DA EDUCAÇÃO SEXUAL**

Esse capítulo conceitua o que é Sexualidade pelos estudos de teóricos como, Freud, Alfred Kinsey e Foucault, aborda ainda a Educação Sexual e suas variáveis, bem como, questiona a importância dos Parâmetros Nacionais Curriculares.

#### **3.1 Sexualidade um conceito de vida**

Um dos pontos que precisam ser esclarecidos em qualquer estudo de sexualidade é a diferença entre os termos sexo e sexualidade. Prevaleceu no senso comum uma leitura do conceito de sexualidade como sinônimo de ato sexual, apenas restrito à noção de genitalidade e de práticas sexuais, mas o significado vai muito além.

Foi Sigmund Freud quem, primeiramente, inseriu a noção de sexualidade num contexto diferente de sexo, quando deu à palavra sexualidade o sentido, de pulsão, libido, inerente a todo ser humano, desde o seu nascimento, ainda que sua gratificação estivesse vinculada a zonas erógenas distintas ao longo do desenvolvimento: as fases oral, anal, fálica e a fase genital indicam as diferentes formas pelas quais a pulsão sexual se manifesta, culminando, na vida adulta, na reorganização do desenvolvimento psicosssexual de acordo com as vicissitudes do desejo. (FREUD, 1974).

Para Freud, portanto, a sexualidade tinha como base uma força pulsional que orientava fundamentalmente a estruturação da personalidade, o que significa que não deveríamos mais confundir sexualidade com genitalidade, pois esta é somente uma das possibilidades da vida sexual de uma pessoa, na idade adulta, ou seja, para ele, a sexualidade se manifestava em todas as fases da vida humana, inclusive a genital (FREUD, 1974).

Nesse sentido autores posterior a Freud conseguiram enxergar a sexualidade como um processo histórico de intencionalidade humana, a expressão e a vivência dinâmica dos afetos e um conjunto de representações simbólicas às quais o desejo se vincula. Embora Freud não tenha enfatizado o caráter histórico e social dessas representações, uma vez que sua preocupação fundamental era clínica, pode concluir que ele contribuiu de forma clara para uma redefinição da sexualidade, ou seja, o conceito de sexualidade precisa ser compreendido, antes de tudo, de forma

ampla, difusa e histórica. A sexualidade humana faz parte da expressão histórica da personalidade e é, essencialmente, cultural na medida em que sua expressão envolve a relação entre as pessoas num contexto social.

A construção do conhecimento voltado para sexualidade humana teve grande destaque no mundo, após a publicação do Relatório Kinsey (1948)<sup>2</sup>, isso impulsionou a pesquisa a partir de perspectivas de padrões de comportamento, gênero, direitos sexuais, educação sexual entre outras, que passaram a interrogar os mais diferentes campos. Considerando que, a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, como foi citada pelo Freud, do nascimento até a morte, o que define a maneira com que as pessoas vão lidar com sua sexualidade são os fatores socioculturais, que foram investigados por Kinsey.

No entanto, durante a maior parte da história da humanidade essa influência foi negada, em especial entre os povos ligados às tradições judaicas e cristãs, das quais herdamos uma visão extremamente repressora da sexualidade, mais acentuadamente marcada, como sempre, para o contingente feminino.

Segundo Alfred C. Kinsey, a repressão sexual [ou a síndrome anti-sexual] já existia entre os judeus e os cristãos. Escritores cristãos, por outro lado, falam das influências de filósofos romanos e gregos da baixa Antiguidade nesta prática. Outros autores atribuem ao cristianismo o responsável por tudo, pensando, mais particularmente nos textos de São Paulo e Santo Agostinho tal postura anti-sexual (USSEL, 1981:21).

A publicação do primeiro volume do famoso relatório sobre a sexualidade humana de Kinsey (*Sexual Behavior in the Human Male*), em 1948, deu origem a uma enorme polêmica nos Estados Unidos por ter rompido com alguns padrões sexuais da época. O livro foi um dos mais vendidos naquele ano. Rapidamente, Kinsey se transformou numa celebridade, considerado até hoje como uma das

---

<sup>2</sup> Kinsey iniciou seus estudos sobre práticas sexuais humanas após uma discussão com o colega Robert Krog, na Universidade de Indiana. Após ter concluído, em seus estudos de entomologia, que nenhuma vespa era igual à outra, e que as práticas de acasalamento das vespas eram extremamente variadas, Kinsey percebeu que, apesar da falta de estudos sobre a sexualidade humana, essa característica de diversidade sexual era comum entre os animais e, dentre estes, os humanos. Kinsey queria que a educação sexual fosse abordada em uma disciplina exclusiva, algo inexistente na época. Ao fazer isto, Kinsey conseguiu criar a disciplina acadêmica de sexologia, ciência da qual é considerado o criador. Após muita persistência, em 1935 Kinsey conseguiu recursos financeiros junto à Fundação Rockefeller e pôde, então, iniciar sua pesquisa sobre a sexualidade humana. Para isso, Kinsey montou e treinou uma equipe que entrevistaria, nos anos seguintes, milhares de pessoas em todo o território dos Estados Unidos e 13% das mulheres já tinham tido uma relação homossexual que lhes tinha proporcionado um orgasmo. Neste caso, os fatos foram noticiados pela imprensa sensacionalista como uma verdadeira bomba. Os seus relatórios foram vistos por muitos como o início da revolução sexual da década de 1960.

personalidades mais polêmicas do século XX. Foi capa dos principais jornais e revistas do país. O segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres (*Sexual Behavior in the Human Female*) foi publicado em 1953.

Quem também se destacou nos estudos da área de sexualidade foi Michel Foucault (1988). Em *História da Sexualidade* o autor reforça o pensamento dos outros dois estudiosos por meio da relação de saber e poder. Para esse autor, o discurso sobre a sexualidade desencadeia uma relação de poder sobre ela, pois gera normas, controle e vigília daquilo em que determinada época se considera errado e anormal. A respeito do que chamaria de hipótese repressiva sobre a sexualidade, o autor suscita três dúvidas:

Primeira: a repressão do sexo seria realmente a acentuação ou talvez a instauração, desde o século XVII, de um regime de repressão ao sexo? Segunda: a mecânica do poder e, em particular, a que é posta em jogo numa sociedade como a nossa, seria mesmo, essencialmente, de ordem repressiva? Interdição, censura e negação são mesmo as formas pelas quais o poder se exerce de maneira geral, talvez em qualquer sociedade e, [...] na nossa? Terceira: o discurso crítico que se dirige à repressão viria cruzar com um mecanismo de poder, que funcionara até então sem contestação, para barrar-lhe a via, ou faria parte da mesma rede histórica daquilo que denuncia (e sem dúvida disfarça) chamando-o de “repressão”? Existiria mesmo uma ruptura histórica entre a idade da repressão e a análise crítica da repressão? (FOUCAULT, 1998:17).

Nessa concepção enxergamos um diálogo direto de Louro (2007, p.11) com as ideias discursivas de Foucault. A autora diz que os corpos e a sexualidade ganham sentidos porque são fabricados pela sociedade: “definimos o que é, ou não natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas”. Ainda segundo a autora, os discursos sociais são responsáveis por regular e normatizar os comportamentos sexuais em determinada época e contexto. Nesse sentido, Guimarães diferencia os conceitos de sexo e sexualidade afirmando que:

Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum sexo é “relação sexual”, “orgasmo”, “órgãos genitais”, “pênis”. Sexualidade é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo, pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao “ser sexual”. Comumente é entendido como “vida”, “amor”, “relacionamento”, “sensualidade”, “erotismo”, “prazer” (GUIMARÃES, 1995, p.23-24)

Já Ribeiro afirma que o sexo é um conjunto de práticas, atitudes e comportamentos vinculados ao ato sexual, resultante das concepções existentes sobre ele, mas que também existe o sexo biológico.

Existe, é claro, o sexo biológico, que determina o macho e a fêmea de uma espécie, a partir de um conjunto de características hereditárias, físicas e biológicas que nasce com cada um. Tais características são determinadas já na fecundação do óvulo pelo espermatozoide, mas não é este conceito que nos interessa no momento. (RIBEIRO, 2005, p. 1)

Nunes reforça essa teoria de Ribeiro quando tenta desvincular a concepção de sexualidade e sexo como algo sujo ou ruim e nos diz que:

A sexualidade não é anomalia, patologia, disfunção, coisa acidental, mas pode ser compreendida dentro de padrões objetivos, interesses claros, um complexo de valores, modelos comportamentais, padrões socialmente construídos de acordo com agentes específicos. (NUNES, 1997:116)

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde, 1975), a sexualidade é parte integrante da personalidade de cada um de nós. A vivência da sexualidade é própria do ser humano, constitui uma dimensão da liberdade humana e está relacionada com a busca do prazer físico e emocional (CORSA; ECOS, 2008, p. 15). Definir sexo ou sexualidade ainda é um entrave, como sugere Cruz e Oliveira:

[...] observa-se que definir o sexo ou sexualidade ainda é um entrave para as várias sociedades, em função dos mitos e preconceitos que permeiam as relações sociais... a sexualidade durante muito tempo ficou resumida aos órgãos genitais... a sexualidade inclui não somente o genital como também as atividades afetivas, as formas de sentir, de gostar, de amar englobando todo o comportamento humano (CRUZ; OLIVEIRA, 2002, p. 33).

Portanto, a sexualidade é um processo, um amadurecimento, um conhecimento da própria condição sexual e, como tal, pode ser mudado, ajustado e



melhorado, conforme vamos tomando consciência do nosso corpo, da vida, dos nossos relacionamentos. Por isso, a formação por meio de uma educação sexual, apreensão dos “aspectos biológicos”, “psicológicos e sociais” na busca de uma autonomia, emancipação e reflexão sobre os preconceitos e desconstrução de paradigmas antigos em detrimento dos novos saberes, pode levar a uma prática consciente, mais humana e autônoma do sujeito. (CRUZ; OLIVEIRA, 2002).

E é, justamente, durante a etapa da adolescência que centralizam as preocupações dos pais e educadores (BRASIL, 1997). Pensando nessa fase onde é marcada pelas transformações biopsicossociais, envolvendo curiosidades, descobertas e conflitos é que os jovens estão mais vulneráveis, sendo assim, temos:

Os riscos são as possibilidades de ocorrência de danos ou agravamentos, como, por exemplo, os casos de infecção pelo HIV/AIDS e outras DST, o início precoce de atividade sexual, a gravidez não planejada, sem qualquer orientação médica ou familiar, os abortos inseguros, a morbidade materna e os casos de violência sexual. Somem-se, ainda, as dificuldades que os próprios serviços de saúde e educação demonstram em tratar do tema e assegurar universalmente os direitos sexuais e reprodutivos dessa população (MORAES; VITALLE, 2012, p.49).

É por isso, que Louro (2000), em o Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade, reforça a importância de trabalhar as formas de o indivíduo enxergar o papel da escola, do ensino e da sua sexualidade:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.(LOURO 2000. P 14)

### **3.2 Educação formal, informal e Emancipatória**

Antes de se discutir o papel da escola na disseminação de assuntos sobre a sexualidade é preciso se perguntar o que é Educação Sexual? Para Ribeiro, a educação sexual trata dos processos contínuos desde o nascimento que, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos, ligados à manifestação de sua sexualidade.

Esta educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pelos meios de comunicação, etc. É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época, e, conseqüentemente, a educação sexual dos indivíduos.  
(RIBEIRO apud Melo, 1997).

Vitiello (1995:20) conceitua Educação Sexual como “a parte do processo educativo especificamente voltado para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade”. Para ele, a Educação Sexual acontece dentro de um processo amplo de educação. Guimarães também acredita que a educação sexual seja bem ampla e compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, que são exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), permitindo-o se situar em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular. (GUIMARÃES, 1995:18).

Já Bernardi vai além quando diz que a educação sexual é um falso problema e quando culpabiliza a sociedade pela manutenção da cultura sexofóbica.

Porque se uma criança aprende sozinha a ler e a escrever todos se alegram com isso; mas se uma criança aprende sozinha sobre seu corpo, o seu sexo, o seu prazer, e por isso mesmo também o amor, ficam todos horrorizados. Portanto a educação sexual é um problema porque se assenta numa estratégia pedagógica mais ampla de socialização para a apatia, exercitada seja na família seja na escola, seja nos programas políticos, seja na sociedade em geral. Vivemos numa cultura sexofóbica e repressiva.  
(BERNARDI, 1985, p.9)

Passeando através dos vários conceitos aqui expressos em citações, o de Nunes resume, claramente, o que vem a ser a Educação Sexual.

A educação sexual que vislumbramos deverá ser antes de tudo, uma reflexão sobre potencialidades de ser e de amar de todo ser humano, de desejar e de fazer-se único em sua história pessoal e social. As abordagens da sexualidade que desprezam ou discriminam a reflexão ontológica, vinculada à sexualidade, abdicam de uma possibilidade especificamente humana de configurar, com a grandeza de cada existência, uma reflexão sobre valores humanos. (NUNES, 1996, p.281)

Portanto, diante do que foi analisado, percebe-se que ao trabalhar com educação sexual, não se pode restringir apenas a uma abordagem parcial da sexualidade, como se é feito até o presente momento, enfatizando apenas o aspecto biológico. Fica claro, em todos os autores citados, a ideia de que ao abordar a Educação Sexual, se faz necessário, abordá-la por dois meios: uma educação

sexual formal ou intencional e uma educação sexual informal. Nesse sentido, Werebe esclarece o que são essas modalidades.

A educação sexual formal é aquela “deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola” já a educação sexual informal se refere a “um processo global, não intencional que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual”. (WEREBE, 1981, p. 106).

A educação sexual informal seria então, aquela que acontece desde o nascimento, transmitida pela família, pela escola, pela sociedade, fruto da cultura em que se vive no nosso dia a dia. Ela se manifesta através do dito e do não dito. Esse tipo de educação sempre existiu, em todos os tempos e em todas as civilizações, sendo a atuação da família, a mais importante e, talvez, a mais decisiva sobre o comportamento da criança e dos jovens.

A visão que os filhos têm em relação à vida sexual afetiva e da relação entre seus pais é diferente segundo o tipo de família em que são educados e os seus valores, ou seja, é um processo cultural. “Os pais carregam da infância a marca de sua própria sexualidade que é revivida na sexualidade infantil dos filhos” (WEREBE, 1998:149). O que, talvez, reflita diretamente, na cultura de repressão dentro da escola. Além da família e da escola, a educação informal se realiza também por outras vias, dentre elas, os veículos de comunicação: rádio, jornais, revistas e especialmente a televisão. (WEREBE, 1998).

Já a educação sexual formal ou intencional, é aquela transmitida diretamente, também através da família ou da escola, com informações mais específicas a respeito do assunto, com o intuito de passar às crianças ou aos jovens as ideias e os conceitos que consideram importantes para a formação e construção integral do ser humano. Werebe explica melhor:

A educação sexual intencional compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual. Estas intervenções podem-se destinar a crianças, adolescentes e adultos e se realizarem dentro e fora do âmbito escolar. Seus objetivos são vários, e é a partir deles que se define seu conteúdo, sua pedagogia. A educação sexual intencional não se exerce sobre seres virgens em matéria de informação e vivências sexuais. Quando o aluno recebe esta educação na escola, já foi marcado pelas influências que recebeu na família e em todas as situações de vida cotidiana dentro da sociedade. Traz consigo ideias corretas, incompletas ou falsas sobre a sexualidade, bem como opiniões e valores neste domínio. E é a partir dos conhecimentos e ideias que as crianças e jovens possuem que as intervenções deliberadas devem se orientar (WEREBE, 1998 p.155).

E para Freire, a educação formal deve ser sensível ao desdobramento da libertação do indivíduo de uma educação binária, de uma educação que aliena e oprime perversamente no processo de produção do conhecimento. (FREIRE, 1980). Freire, por meio do seu trabalho, traz uma fonte primordial para o desenvolvimento do indivíduo e da educação: o diálogo.

Paulo Freire formulou uma concepção de educação libertadora, fundamentada numa visão humanista crítica que vê o ser que aprende como um todo, sentimentos, pensamentos e ações, não se restringindo à dimensão cognitiva. Nesse enfoque, a aprendizagem não se limita a um aumento de conhecimentos, ela influi nas escolhas e atitudes do indivíduo. A prática pedagógica rejeita a neutralidade do processo educativo, concebe a educação como dialógica e conduz o estudante a um pensar crítico da sua realidade.

Esse tipo de método, educar para autonomia, também pode ser conceituado como uma forma de Educação Emancipatória. Nunes (1996) aproveitou e formulou o conceito de Educação Sexual Emancipatória, que ainda é um desafio didático-pedagógico a ser vencido. A Educação Sexual Emancipatória pressupõe um trabalho educativo comprometido em promover a autonomia do educando, buscando superar padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, superando preconceitos e tabus através da compreensão dos aspectos sócio-históricos-políticos que influenciaram na construção dos mesmos, diferente da Educação Sexual Repressora, a qual está envolta de valores morais, religiosos e éticos, do mundo conservador. Nunes explica a efetividade da Educação Emancipatória.

A ação emancipatória torna-se efetiva quando articula a teoria, a reflexão analítica, com a ação consistente, metódica, politicamente determinada com a intencionalidade propositiva. Chamamos de emancipatória a perspectiva e prospectiva que visa produzir autonomia crítica, cultural e simbólica, esclarecimento científico, libertação de toda forma de alienação e erro, de toda submissão, engodo, falácia ou pensamento colonizado, incapaz de esclarecer os processos materiais, culturais e políticos. (NUNES 2003. p.12)

Reconhecer que a sexualidade é moldada pela cultura e pela história precisa ser, segundo Nunes (1996), a primeira constatação pedagógica de uma educação sexual emancipatória. Continuando a reflexão sobre esse tipo de proposta convém citar Bernardi quando coloca que:

Todos nós que obstinadamente acreditamos em uma possibilidade de redenção sabemos que o caminho da educação sexual pode ser acusado de utópico. Mas é o caminho do amor que, como se disse, é o mais forte dos poderes. E é também o caminho da fé no homem, uma fé peculiar ao revolucionário, mais forte que a fé no destino, típica do conservador. (BERNARDI 1985. P 143)

Outro ponto importante é a compreensão de que a quantificação das práticas sexuais que presenciamos nos dias de hoje não significa uma alteração nas estruturas de poder que encerram a sexualidade, mas a permanência dos padrões conservadores de compreensão da mesma. Foucault (1998) analisa a escola como um espaço que produz saber e poder, onde a disciplina seria essencial para a formação do saber das ciências humanas.

As práticas pedagógicas da sociedade disciplinar possibilitam que os corpos sejam vigiados constantemente e que comportamentos sejam diariamente estabelecidos. O controle da sexualidade e as barreiras encontradas historicamente para seu livre exercício fazem parte desse contexto. Um exemplo é que para Foucault, até o século XVII, as questões da sexualidade ainda não buscavam pelo segredo, vigorava-se certa franqueza em relação ao “uso dos prazeres”, e as palavras não eram tão disfarçadas a ponto de serem reduzidas a um vocabulário do que era ou não permitido dizer. Todavia, no início do século XVIII o pensamento burguês dá origem à Idade da Repressão, que coincide com o desenvolvimento do capitalismo.

[...] essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, em que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre nós de vincular: revolução e felicidade; ou então, revolução e um outro corpo, mais novo, mais belo; ou, ainda, revolução e prazer” (FOUCAULT, 1998:12).

E essas repressões se acentuaram ao longo dos séculos, reforçando o enraizamento da cultura cristã, cuja construção da família baseava-se em casamentos monogâmicos entre casais heterossexuais, de forma que dessem continuidade a espécie humana. O Ocidente definiu novas regras no jogo dos poderes e prazeres, configurando a fisionomia rígida das perversões. (FOUCAULT, 2002: 96).

Esses discursos explicavam os comportamentos e ações do homem por meio das ciências biológicas como forma de garantir a preservação da instituição familiar. No decorrer do século XX, estudos introduziram a problematização das questões de

gênero, questionando a ideia de uma essência masculina e ou feminina que até então explicava e justificava as desigualdades entre os sexos.

Portanto, o poder sobre a sexualidade do indivíduo sendo exercido desde a infância, passando pela adolescência e juventude em especial, fases mais intensas da sexualidade pela perspectiva social, tem sido uma das formas mais eficazes de estabelecimento de padrões, de normatização de posturas e de controle social. Estabelece-se dessa maneira, uma ligação entre a contínua construção e desconstrução do sujeito e a própria noção de vida, de corpo e de autonomia.

Partindo desse pressuposto, a sexualidade, afirma Foucault, é um "*dispositivo histórico*" (1988). Nesse conceito, Foucault se refere tão explicitamente a elementos tais como discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, fazendo entender que as práticas discursivas e não-discursivas contribuem para a construção do sujeito e, é possível afirmar ainda, que o conceito em questão reúne as instâncias do poder e do saber. Por fim, o autor sugere que o dispositivo diz respeito às "práticas", atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando.

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1988, p.244).

Em outras palavras, a sexualidade é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normatizam, instauram saberes e produzem "verdades". Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar.

Nesse sentido, os produtos midiáticos se constituem como um tipo de armadilha (Foucault, 1998, p. 166), como aparatos de visibilidade e, também, "lugares específicos de enunciação". Esses aparatos de visibilidade são mencionados nesta pesquisa como relativos ao dispositivo da Educação Sexual, mas, obviamente, o são também de outros dispositivos quaisquer. Esses dispositivos poderiam ser: sexualidade, erotização, prazer, repressão, imposição de regras, por exemplo.

### 3.3 Educação Sexual: Uma visão histórica

Vários foram os momentos que caracterizaram e marcaram determinados conceitos e atitudes em relação à educação sexual e de que forma eram vivenciados e reproduzidos. A fim de melhor entender essas questões, faz-se necessário pontuar aqui, ainda que brevemente, os primeiros movimentos e as repercussões em torno desse tema no contexto brasileiro.

A Educação Sexual no Brasil enquanto tema científico e pedagógico é matéria de destaque no meio médico e educacional desde o início do século XX, já a educação sexual informal falada no início deste capítulo, dada pela família, existe desde a Colônia, quando começaram as trocas de conhecimentos, valores, práticas e crenças entre portugueses e índios.

De acordo com Figueiró (2001), o Brasil recebeu influências internacionais, especialmente europeias. Todas as práticas sexuais encontradas na Colônia foram relatadas na carta de Pero Vaz de Caminha. As cartas registravam queixas de sexualidade exacerbada, como poligamia, nudez e não aceitação das repressões dos padres, como visto por MARTIN e GUIDU (2012). As regras portuguesas, desde o início, voltaram-se para o combate à nudez indígena e àquilo que simbolizava, ou seja, falta de vergonha e pudor (PRIORI, 2011). Mas foi no final do século XIX, com a produção literária de vários educadores e médicos que a medicina no Brasil institucionalizou o saber sexual criando a sexologia, como pesquisado por Ribeiro, citado em (MARTIN e GUIDU, 2012. P.14).

Nessa época era uma medicina que lidava com a definição, a identificação, a classificação e o tratamento dos aspectos patológicos da sexualidade (RIBEIRO, 2009. P.132). A partir dessa institucionalização do saber que surgiram inúmeras obras literárias voltadas ao estudo da sexualidade. Em 1922, a importância da educação sexual é defendida por Fernando de Azevedo como matéria escolar e deveria envolver princípios morais. Já, em 1928, no Congresso Nacional de Educadores, foi aprovado o Programa de Educação Sexual que seria desenvolvido com crianças acima de onze anos de idade. Em 1930, pais de alunos demonstraram apoio à Educação Sexual, porém havia opiniões contrárias quanto às estratégias e ao conteúdo programático.

No colégio Batista do Rio de Janeiro, inseriu-se o ensino da evolução das espécies e educação sexual. Inicialmente estudava-se a análise do papel feminino

na reprodução e, apenas em 1935, foram incluídas análises do papel masculino. O idealizador desse programa de educação sexual sofreu processo jurídico, sendo demitido da escola em função da sua proposta (AQUINO; MARTELLI, 2012).

Foi nesse período que o conhecimento sexual foi gestado e amadurecido para ser colocado em prática na década de 60, muito por conta também do início da revolução sexual. Nesse período, a necessidade em pensar ações educativas nas escolas já era reconhecida (Almeida, 2009). Os livros produzidos tinham por objetivo orientar a prática sexual dos indivíduos, com um discurso higienista fortemente enraizado.

Foi então que em 1933 é criado no Rio de Janeiro o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), por iniciativa do médico José de Albuquerque. O CBES e o pioneirismo de Albuquerque foram responsáveis pela difusão da educação sexual, e teve o mérito de debater temas sexuais em ambientes públicos, em meios de comunicação, em eventos científicos e culturais e na imprensa, além de fomentar a publicação de diferentes obras. (RIBEIRO, 2012. P.8)

Ainda de acordo com Ribeiro, José de Albuquerque sempre foi ousado e defendia o divórcio, considerando o desquite preconceituoso e prejudicial à mulher; foi o autor da letra do Hino à Educação Sexual, gravado pela RCA Victor com música do famoso maestro Assis Republicanos e instituiu o Dia do Sexo, comemorado pela primeira vez em 20 de novembro de 1935.<sup>3</sup>

Pode-se dizer que no início do século XX o país avançava com a tentativa de inclusão da temática “educação sexual” nas escolas, buscando o controle das doenças sexualmente transmissíveis, com destaque para a sífilis. Isso foi devido à revolução sexual que teve na sua gênese o fenômeno ideológico e filosófico da contracultura, cujo principal objetivo era obter mudanças nas relações humanas, caracterizada pelo seu interesse nas drogas, no sexo e rock’n roll.

No artigo Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil (2004), Ribeiro descreve os seis momentos catalogados desse processo iniciando na Colônia, até a década de 60, quando se deu efetivamente a introdução da Educação Sexual no currículo escolar, justamente, no decorrer da revolução sexual. “A partir deste ponto, é denominada orientação sexual, para distingui-la da educação sexual proposta e defendida nas décadas anteriores”. (RIBEIRO, 2004. P.19). O autor

---

<sup>3</sup> A data instituída por Albuquerque caiu no esquecimento e o dia do sexo agora é comemorado em 6 de setembro por causa de uma ação de marketing da empresa de preservativos Olla.



relata os programas de orientação sexual em Belo Horizonte, em 1963, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco; no Rio de Janeiro, em 1964, no Colégio Pedro Alcântara, e em 1968, nos colégios Infante Dom Henrique e fala da pressão por conta do Regime Militar.

Em 1968, a deputada Júlia Steimbruck apresentou um projeto de lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual nas escolas do país, que foi recusado e engavetado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo. O período não era propício, pois o regime militar imposto pelo Golpe de Estado de 1964 reprimia não só as manifestações políticas, reduzindo as liberdades individuais, mas também as manifestações da sexualidade e as implicações nos padrões de comportamento delas decorrentes. (RIBEIRO, 2004. P.21).

No entanto, com o Golpe de Estado de 1964, há o recrudescimento da censura, a moral e os bons costumes passam a fazer parte da ordem do dia, liberdades sexuais são associadas ao comunismo e, como analisam Barroso; Bruschini (1982, p. 23), “houve um retrocesso em matéria de educação sexual que acompanhou a onda de puritanismo que invadiu o país”.

Por quinze anos a educação sexual ficou estagnada, como resume Ribeiro.

Se havíamos conquistado um ambiente propício e favorável para o trabalho com sexualidade, preparado paulatinamente desde a década de 1920, tudo cai por terra com o advento do Golpe de 1964. A interrupção abrupta boicotou a continuidade de um trabalho que havia levado pelo menos 40 anos para ser consolidado. (RIBEIRO, 2012. P. 16).

Somente a partir de 1978, com a abertura política do presidente Ernesto Geisel, é que oficialmente se retoma a implantação de projetos de orientação sexual nas escolas, assumidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo (de 1978 a 1982) e pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (de 1980 a 1986), mas a educação sexual já estava sem a força e a experiência alcançadas na década passada.

É a partir da década de 1980 que inicia maior discussão sobre a sexualidade em várias instâncias sociais. A preocupação em engajar-se no combate à AIDS fez com que o Ministério da Educação passasse a estimular projetos de educação sexual. Somente em 1996, a temática é incluída como tema transversal e não como disciplina ou matéria: “Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a

ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida” (LOURO, 2000, p.36). Nessa década as discussões estavam, voltadas para a implantação dos PCNs.

### **3.4 O fim dos PCNs como referência e as novas resoluções**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, mais conhecidos como PCNs, é uma coleção de documentos que compõem a grade curricular de uma instituição educativa. Esse material foi elaborado em 1997, pelo Ministério da Educação (MEC), a fim de servir como ponto de partida para o trabalho docente, norteador as atividades realizadas na sala de aula, mas não são mais referências. Será citado aqui porque foi um marco no processo de desenvolvimento da Educação Sexual.

Quando foi criado, os PCNs serviam para definir os currículos e conteúdos que não podem ser trabalhados apenas como transmissão de conhecimentos, mas que as práticas docentes devem encaminhar os alunos rumo à aprendizagem por meio dos temas transversais que podem ser trabalhados em três blocos de conteúdos, respectivamente: corpo-matriz da sexualidade; relações de gênero e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, nas mais diversas disciplinas: geografia, arte, matemática, educação física, língua estrangeira e ciências naturais.

Se por um lado, na época a medida foi recebida com avanço por alguns teóricos (GOLDBERG, 1981; BARROSO e BRUSCHINI, 1982, FIGUEIRÓ 1996), por outro, ao longo dos anos pesquisadores comprovaram que não houve incentivo nem iniciativas oficiais no sentido de oferecer aos professores cursos que pudessem formá-los em um campo dominado pelo desconhecimento, pelo preconceito, pelo tabu e pela discriminação (REIS e RIBEIRO, 2002, MELO, 2011).

Para dificultar mais ainda o entendimento sobre orientação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais promoveram a difusão da expressão opção sexual indevidamente, uma vez que, como documento norteador dos currículos escolares na década de 1990, definiram como Orientação Sexual a orientação pedagógica a ser dada à sexualidade nas escolas. Por terem ampla distribuição, os PCNs difundiram uma concepção de que o que se deveria ensinar na escola era a orientação sexual. Logicamente, no imaginário da maioria, a homossexualidade só

poderia estar ligada a uma opção sexual, já que a escola “orientava” a sexualidade das alunas e alunos. Além disso, ao propor a inserção da discussão sobre orientação sexual por meio de temas transversais, esse material sugere orientações pedagógicas fundamentadas em uma concepção intencional e politicamente construída de educação acerca da sexualidade, baseada na prevenção à gravidez na adolescência e às DST/HIV/AIDS, somente. A intenção não é desmerecer a importância documental e histórica desse documento, nem tampouco, a discussão sobre tais assuntos que se fazem urgentes em âmbito escolar, mas sim, refletir sobre a forma como são abordados certos conceitos. Sobre as relações entre os gêneros e o desejo afetivo-sexual. Maia e Ribeiro defendem que:

A orientação preconizada pelos PCN precisa ser interpretada como uma proposta de Educação Sexual e não como Orientação Sexual. Não é trocando o termo empregado que será mudado o ponto de vista, os valores e muito menos a ideologia por trás da intervenção e da formação. (MAIA e RIBEIRO 2001, 77p.).

Entretanto, seria muito mais enriquecedor se essas discussões fossem ampliadas para aspectos norteadores das relações humanas: sociais, econômicos, éticos, étnicos e históricos. Dessa forma, reduziriam as práticas minimizadoras ou superficiais, que inclusive se fazem vigentes na escola quando se pretende tratar a sexualidade de forma fragmentada em ações pontuais por meio de temas “transversais”, como se observa em projetos de prevenção às DST/AIDS ou de “Dias disto ou daquilo”.

Levando em consideração que cada escola possui uma cultura e identidade próprias, que a constituem e, conseqüentemente, diferentes possibilidades de ação, poderia usar as propostas do PCNs, não na sua íntegra, como um manual de reformulação curricular, mas, sim, como uma forma de se propiciar, através desse material, uma reflexão e discussão sobre a própria sexualidade em si, como forma de se mobilizar a equipe escolar para a promoção de transformações na base do ensino tradicional. (BRASIL, 1998 e 2000).

Na época, a proposta dos PCNs, poderia ser incluída da 1ª à 8ª série, de duas formas como explica Figueiró:

“dentro da programação”: o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre os professores de cada série. Pode ser que, numa série, sejam os professores de português, história e ciências que se considerem capazes e queiram ensinar sobre sexualidade e, assim, ensinarão o conteúdo dentro de suas próprias aulas. Em outra série, pode ser a professora de matemática e a de educação física, por exemplo. Quando a professora é a única da sala, como acontece nas séries iniciais, necessita organizar-se para ensinar os conteúdos estipulados dentro de algumas áreas de conhecimento, nas quais houver condições de inserir. Como “extraprogramação”: todo e qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente, para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou transmitir uma mensagem positiva sobre a mesma; aproveita, enfim, para educar sexualmente. (FIGUEIRÓ, 2009. 145 -146 p)

No entanto, os PCNs ficaram antigos. Atualmente, tramitam no Congresso Nacional ao menos cinco projetos de lei que têm como objetivo interferir diretamente nos conteúdos abordados na sala de aula evitando a “doutrinação política e ideológica”. Na esteira dos debates sobre gênero e sexualidade, presentes nas elaborações dos Planos Municipais de Educação, se propõem, por exemplo, coibir o ensino, nas escolas, daquilo que chamam de “ideologia de gênero” e outras formas de “ameaças à família”.

Em 2014 o Plano Nacional de Educação foi reestruturado. O documento distingue a base nacional curricular comum e define que “União, Estados, Distrito Federal e Municípios [devem pactuar] (...) a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental” (MEC, 2014, meta 2).

A Base Nacional Comum Curricular foi criada em substituição aos Parâmetros Curriculares Nacionais. A análise do texto da Base, porém, revela que a orientação sexual, antes contemplada pelos PCNs como um dos temas transversais a ser trabalhado em sala de aula, não aparece entre os chamados temas integradores do novo documento. Como, municípios e estado tem autonomia na construção da sua própria base, houve registro de caso em cidade que proibido o uso da palavra gênero nas escolas. Os temas integradores dizem respeito a questões que atravessam as experiências dos sujeitos em seus contextos de vida, contemplando aspectos para além da dimensão cognitiva, dando conta da formação política, ética e indenitária dos estudantes.

Contudo, percebe-se que temas sobre a sexualidade estão cada vez mais excluídos das discussões no ambiente escolar por causar um incômodo social.

Segundo Goffman (1991), esse incômodo traduz um estigma forte centrado em manipulação de informação para reafirmar certos padrões.

O estigma envolve não tanto um conjunto de indivíduos concretos que podem ser divididos em duas pilhas, a de estigmatizados e a de normais, quanto um processo social de dois papéis no qual cada indivíduo participa de ambos, pelo menos em algumas conexões e em algumas fases da vida. O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas. (GOFFMAN, 1991, p 117)

É possível confirmar que o meio social é um fator determinante para a geração e perpetuação do estigma, assim como a história e a cultura considerando todas as categorias e pessoas que os compõem. Dentre essas categorias está a mídia, tema da discussão do próximo capítulo.

#### 4 A COMUNICAÇÃO E A INTERFACE COM A SEXUALIDADE

O campo da Comunicação transita por diferentes áreas incorporando um espírito transdisciplinar, o que longe de enfraquecê-la, confere-lhe uma vitalidade ímpar nessa transgressão de fronteiras disciplinares e cruzamento de posturas científicas.

[...] campo de observação científica que, historicamente, se inscreveu em tensão entre redes físicas e imateriais, entre o biológico e o social, a natureza e a cultura, os dispositivos técnicos e o discurso, a economia e a cultura, as perspectivas micro e macro, o local e o global, o ator e o sistema, o indivíduo e a sociedade, o livre-arbítrio e os determinismos sociais. (MATTELART; MATTELART, 2003, p. 10).

A palavra “comunicação” é entendida como possuidora de duas faces: como um processo em que A envia uma mensagem para B, sobre o qual a mensagem tem um efeito determinado ou pode ser enfocada como uma negociação e um intercâmbio de sentido, no qual as mensagens, as pessoas, as culturas e a “realidade” interagem para possibilitar a produção de sentido, ou seja, a sua compreensão. (O’SULLIVAN, 2001).

A segunda interpretação entende o verbo como reflexivo e, nesse sentido, ‘comunicar’ é ‘tornar comum’, ‘partilhar’ e ‘dialogar’. A comunicação seria um agir, um comportamento, uma expressão humana observável e identificável. No agir comunicacional, as ações são orientadas para o entendimento mútuo, o ser que inicia o processo comunicacional é também produto dos processos de socialização.

É por isso, que um dos desafios atuais da educação, talvez, seja estimular o uso dessas tecnologias de informação para o uso da Educação Sexual e ao mesmo tempo não permitir que o conhecimento se torne fragmentado, supérfluo e vazio. Nesse sentido, a criação de um programa de rádio sobre sexualidade na escola, como aponta este estudo, pode romper com os limites que fragmentam as disciplinas ao apresentar possibilidades de estimular o professor e o aluno a discutirem conteúdos significativos que possam desconstruir conceitos antigos sobre gênero, corpo, sexo, relacionamento, família, entre outros. Ampliando esta discussão, Fischer (2002) ressalta que a mídia hoje se apresenta como espaço de “visibilidade de visibilidades”.

(...) ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituiriam uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. Da mesma forma, poderíamos dizer que a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido. A mídia, nessa perspectiva, não se ocupa apenas de emitir visibilidades, mas também, aliada ao processo incessante de repetição discursiva, ela justamente cria condições para a produção de novas discursividades. ( FISHER 2002, p. 86)

Enquanto ainda são frequentes as discussões sobre o silenciamento, a omissão, a dificuldade das famílias, da escola e da sociedade em geral em abordar o tema sobre sexualidade, ele é explorado das mais diversas formas pela televisão, a publicidade, os jornais, as revistas, os sites da internet, as músicas, justamente, criando essa repetição de linguagem citada por Fisher.

É difícil identificar e reconhecer o que em nosso desenvolvimento foi aprendido através desses meios e separar do que foi aprendido em outros contextos nas nossas relações. Talvez, por isso, utilizar um desses meios de comunicação dentro da própria escola possa ajudar o jovem a entender as diferenças e aceitá-las, sobretudo, a compreender os conceitos de diversidade e o lidar com os direitos seja um caminho para promover e ampliar o conhecimento.

#### **4.1 O que é Educomunicação**

O termo educomunicação foi cunhado pela primeira vez pelo filósofo da educação Mario Kaplun, amigo e parceiro de Paulo Freire. O conceito explicita uma junção da educação e da comunicação e firma-se como um novo campo de intervenção, em que se busca ressignificar os movimentos comunicativos no âmbito da educação. Anteriormente a Kaplun, porém, na década de 70, o estudioso espanhol Francisco Gutierrez já versava sobre o tema, ainda que não sob o nome de educomunicação. De acordo com Ismar de Oliveira Soares a Educomunicação pode ser definida como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações

educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem."(SOARES, 2002, p. 115).

Este campo defende Soares, o uso da comunicação como um meio eficaz para ampliar ações voltadas à cidadania e para ampliar as formas de expressão dos membros de uma comunidade. Na prática, foi Soares quem coordenou um projeto educ comunicativo do ano de 2001 a 2004. Trata-se de um trabalho que, em parceria com a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo, atendeu 455 escolas públicas municipais capacitando alunos e professores do ensino fundamental para o uso da educomunicação pelo rádio. O projeto em questão – Educom.rádio, privilegiou o emprego da linguagem radiofônica por meio da introdução de um laboratório de rádio em cada uma dessas escolas. A prática educ comunicativa fez com que os alunos pudessem expressar sua voz. Assim, tem-se um resgate da experiência e a manifestação de várias vozes conversando em um diálogo, vozes do professor e do aluno, mas que deixam de ser vistas a partir de um hiato tão grande entre elas. A Educomunicação visa nesse sentido:

[...] garantir a cada cidadão o acesso e o uso democrático dos recursos da comunicação, tendo como meta a ampliação da capacidade expressiva das pessoas, independentemente da condição social, grau de instrução, ou inserção no mercado, garantindo que o postulado que defende o "livre fluxo" da informação seja globalizado, superando a meta liberal de se garantir a 'liberdade de expressão' tão somente aos que detém controle sobre os sistemas de meios de informação. (TRAJBER, 2005. p.19).

Assim, pode-se considerar a educomunicação como uma maneira de se inserir a estética na escola, em que a ideia é descrystalizar práticas alienantes do cotidiano, permitir a manifestação de vozes e o resgate da experiência e da narrativa. De acordo com PERUZZO (2005), a educomunicação, portanto, pode ser considerada uma maneira de se apostar na criatividade do aluno, na circulação de vozes e diálogos dentro da escola e na expressão de criações dos educandos. Suportadas por meios de comunicação, essas ideias permitem que o espaço escolar seja um ambiente propício à manifestação de linguagens e de atividades criadoras.



#### 4.2A representação da sexualidade no Brasil na televisão e no rádio

Ao associar os meios de comunicação ao sexo encontramos alguns programas de televisão e rádio que desde a década de 80 dialogam com a temática de maneira pedagógica e educativa. Entre 1980 e 1986, a Rede Globo de Televisão transmitiu o primeiro programa no país sobre a saúde da mulher: a TV Mulher, que trazia discussões acerca de temas de interesse do público feminino e apresentava um quadro somente sobre sexo. O programa inaugural da década de 80 abriu caminho para uma televisão com diferentes discursos, menos machistas e conservadores. Protagonizou momentos marcantes na TV brasileira, como a ocasião em que “a sexóloga Marta Suplicy sofreu muitos protestos por falar, em pleno dia, sobre orgasmo feminino e por repetir a palavra vagina”<sup>4</sup>.

Outro programa na televisão aberta foi “Aprendendo Sobre Sexo”, do SBT, que foi ao ar em 2006 e era apresentado pela psicóloga Carla Cecarello.<sup>5</sup> O programa tinha o formato inspirado no programa americano Falando de Sexo com Sue Johanson, transmitido no Brasil pela GNT. Carla Cecarello usava discrição e bom humor ao fazer gestos explicativos e tratava do assunto de maneira didática.

Até agosto de 2009, na grade de programação da TV Globo, apenas um quadro do programa Altas Horas abordava a sexualidade de forma direta. A partir daí começa a primeira temporada de Amor & Sexo, apresentado pela modelo, Fernanda Lima. O programa trouxe o conceito e o estilo de auditório e do entretenimento como show bussines.<sup>6</sup>

Entre as rádios comerciais, é possível destacar, o Confessionário, o primeiro programa de rádio da Bahia criado em 2009 e exibido na Rádio MetrÓpole, em Salvador com o comando desta pesquisadora. O programa trazia a visão dos temas relacionados à sexualidade por dois olhares: feminino, tendo a presença de uma apresentadora mulher e do masculino, com a participação de um homem. O Confessionário ficou durante cinco anos no ar.

<sup>4</sup> Matéria veiculada no jornal O Globo (6 de agosto de 2009). Disponível em . Acesso em: 21 março 2015. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/nostalgia/posts/2009/08/06/tv-mulher-rede-globo-211895.asp>

<sup>5</sup> Vídeo Aprendendo Sobre Sexo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ijXg3oN1EQs> Acessado em: 21 de março 2015.

<sup>6</sup> Amor & Sexo é mais um programa show, com espetáculo e entretenimento do que discussão a fundo sobre sexualidade. Provocou grande repercussão na plateia e no público brasileiro ao expor, pela primeira vez, na Globo, em rede nacional, um nu frontal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-YaHPzk9j8I> Acessado em: 21 de março de 2015.

### 4.3O Rádio no Brasil

Diversas experiências tecnológicas marcaram o século XIX, entre elas a invenção da Radiodifusão. As ondas eletromagnéticas foram descobertas por James C. Maxwell. Já Henrich Rudolph Hertz conseguiu comprovar, através de seus experimentos que as ondas eletromagnéticas possuem velocidades iguais a da luz. As ondas de rádio são chamadas de hertzianas devido ao seu criador e a frequência é medida em “hertz”.

Descobrir as ondas eletromagnéticas não significa que o rádio tenha sido inventado. A caminhada se sucedeu anos depois quando, segundo Pimentel (1999), em 1893 o brasileiro Padre Roberto Landell de Moura, usando seus conhecimentos científicos, conseguiu descobrir o princípio de equipamentos para a transmissão de voz a distância que daria origem ao rádio, a televisão e outros inventos relacionados a telecomunicações, sendo que sua descoberta foi patenteada nos Estados Unidos em 1901, por ter sido impedido de patenteá-lo no Brasil.

A História Geral dá mérito à invenção do rádio ao italiano Guglielmo Marconi que patenteou seu invento antes de Landell em 1899. Após esta descoberta, o rádio inicialmente foi utilizado para fins militares e mais tarde difundiu-se pelo mundo com objetivos diferentes.

No Brasil, a experiência com o rádio se deu oficialmente no ano de 1922. Foi quando um grupo de empresários norte-americanos desembarcou na cidade do Rio de Janeiro com o intuito de demonstrar a montagem e o funcionamento de uma emissora radiofônica. O experimento foi apresentado durante a Exposição do Centenário da Independência<sup>7</sup>, no Rio de Janeiro. O estúdio ficou localizado na Praia Vermelha e o transmissor instalado no alto do Corcovado.

Na verdade é que durante a exposição do centenário da Independência em 1922 pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiotelegrafia (...) a causa principal desse desinteresse foram os alto falantes instalados na exposição. Ouvindo discursos e músicas reproduzidos, no meio de um barulho infernal, tudo roufenho, distorcido, arranhando os ouvidos, era uma

---

<sup>7</sup> A Exposição foi aberta em 7/09/1922. Devido à grande quantidade de países estrangeiros interessados em participar das comemorações, houve uma mudança no evento, tornando-se assim, internacional.

curiosidade sem maiores consequências. (Depoimento em Documentos Sonoros. Collector's, 1988) <sup>8</sup>

E a primeira transmissão aconteceu durante o pronunciamento do então presidente, Epitácio Pessoa, para os visitantes da feira. Ele pôde ser ouvido através de um sistema de alto-falante e por um grupo de convidados privilegiados, que possuíam aparelhos receptores de rádio. O seu discurso chegou à Petrópolis, Niterói e São Paulo, simultaneamente. No mesmo dia, as pessoas ainda puderam ouvir a ópera *O Guarani* <sup>9</sup>, de Carlos Gomes.

Porém, a história do rádio no Brasil começa mesmo é no dia 20 de abril de 1923, com a criação da primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (hoje Rádio MEC), fundada por Edgard Roquette Pinto e instalada na Academia Brasileira de Ciências.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, sob o lema “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”, foi criada em abril de 1923 e foi ao ar em maio do mesmo ano com uma conferência do idealizador, Roquette Pinto, dedicada aos amadores do Telégrafo Sem Fio. (PRADO, 2012, p.52)

As rádios Clube do Brasil (Rádio Mundial), Mayrink Veiga, Sociedade Rádio Philips do Brasil, Educadora do Brasil e Transmissora (Rádio Globo) surgiram logo em seguida, também no Rio de Janeiro, além de dezenas espalhadas em outras cidades do Brasil.

Para Bianco (2009) o rádio é um meio popular porque consegue atingir vários segmentos sociais.

Na sociedade da informação, o rádio perdeu a centralidade midiática para a televisão, mas ainda mantém forte apelo popular. O meio alcança diferentes segmentos sociais, possui ampla cobertura geográfica e o aparelho de recepção é acessível. A atratividade está em sua linguagem oral de natureza intimista, sugestiva, simples, direta e agradável. (BIANCO 2009, p. 45).

A rádio é tão espetacular que até a tecnologia caminha a seu favor. Hoje é possível ouvir a rádio pelo celular, pelo computador e

---

<sup>8</sup> Arquivo de áudio baixado do site <http://blogs.jovempan.uol.com.br/dofundodobau/2012/10/18/18-de-outubro-de-1954-o-radio-perdia-roquette-pinto/> (acesso 05/05/2013) e <http://www.collectors.com.br/> (acesso 05/05/2013)

<sup>9</sup> A ópera “O Guarani” foi o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior. É a música tema do programa radiofônico A Voz do Brasil.

também pelo tablete, por meio de arquivos variados, como os podcasts e as radio webs. Mesmo com o aparecimento da televisão e a internet, a rádio não perdeu seu espaço. Esse meio de comunicação continua sendo um dos meios de maior alcance em nosso país.

Segundo Araújo (2003) desde o surgimento da rádio, o mesmo exerce várias funções como a de educar, aproximar, apaixonar, entreter, informar, sugerir, mobilizar, libertar e também animar. As programações educativas no país surgiram durante o governo Juscelino Kubitschek<sup>10</sup>, no final da década de 1950, com a finalidade de solucionar os problemas das populações pobres do país. Porém, foi no governo de Jânio Quadros<sup>11</sup> que surgiu o Movimento de Educação de Base (MEB), único movimento a utilizar o rádio como meio e instrumento para sua atuação educativa e pedagógica, que se concretizou através de um convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em março de 1961.

O empresário, Roquette Pinto, defendia a ideia de que o veículo deveria ser utilizado, preferencialmente, para levar educação e cultura a todas as partes do país. Ou seja, um dos primeiros usos concebidos foi o educativo. A partir da metodologia adotada pelo MEB, foi possível usar o rádio para chegar aos locais mais distantes do país, transformando qualquer lugar em sala de aula. Porém, tal projeto priorizava a educação de adultos. Durante os sete anos de existência ativa no ar, a finalidade da rádio esteve voltada para as programações culturais e educacionais.

Neste período a emissora era mantida por mensalidades pagas pelos associados e por entidades privadas, caracterizando uma programação elitizada composta por conteúdos como óperas, concertos, poemas e outros, contemplando assim a classe burguesa. Rangel afirma que:

O projeto de educação popular pelo rádio via Rádio Sociedade do Rio de Janeiro trazia como proposta um leque diário de programas com atividades Educativas que se estendiam desde os cursos de literatura brasileira, francesa e inglesa, às aulas de esperanto, complementadas com as aulas de radiotelegrafia e de telefonia. Eram proferidas aulas de silvicultura prática, lições de história natural, física, química, italiano, francês, inglês, português, geografia e até palestras seriadas. Teatro e música. (RANGEL 2010, p.94)

---

<sup>10</sup> Mais conhecido como JK, Juscelino Kubitschek foi [prefeito de Belo Horizonte \(1940-1945\)](#), governador de [Minas Gerais \(1951-1955\)](#) e presidente do Brasil de [1956 à 1961](#).

<sup>11</sup> Jânio Quadros foi presidente do Brasil entre 31 de janeiro de 1961 e 25 de agosto de 1961 — data em que renunciou.

O conceito de Magaly Prado (2006), para reafirmar a importância desse veículo faz todo sentido. A autora diz que o rádio, além de educar e formar opinião ajuda a tirar o ouvinte do analfabetismo e da ignorância. O veículo ainda é o meio de comunicação que atinge uma maior parcela da população, mesmo considerando os avanços tecnológicos.

Autores como Carlsson e Von Feilitzen (1999), afirmam que os programas de rádio são muito importantes para o desenvolvimento da criança, pois eles dão a oportunidade delas “colocarem para fora” tudo que pensam ou sentem. Acreditar na possibilidade de alternativas midiáticas, principalmente às das classes mais baixas, dando vez e voz a elas, é refletir na importância do diálogo como meio de mudança de comportamento e de ruptura de valores arcaicos. Paulo Freire nos remete a algumas interlocuções quanto à construção do conhecimento, baseado na vivência de educandos e educadores, no universo cotidiano de ambos e da comunidade, relacionado com o conteúdo das disciplinas, em particular no livro *Pedagogia da autonomia*. Pergunta ele:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina, cujo conteúdo ensina-se, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm, como indivíduo? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso à utilização do rádio como motor nesse processo de aproximação com o tema? (FREIRE, 2006, p. 30).

Portanto, partindo da concepção de que a escola e a comunidade envolvida é espaço potencialmente fértil de discussões e práticas de cidadania e com os objetivos de conhecer os comportamentos, conhecimentos e opiniões dos adolescentes face à sexualidade é que faz-se necessário à utilização do rádio como motor nesse processo de aproximação com o tema.

Edgar Roquete Pinto, precursor do rádio no Brasil, já afirmava que “o rádio é a escola dos que não tem escola. É o jornal de quem não sabe ler”.<sup>12</sup> Ele via no

---

<sup>12</sup> Frase falada durante discurso de abertura da rádio sociedade do Rio de Janeiro em 1923. <http://blogs.jovempan.uol.com.br/dofundodobau/2012/10/18/18-de-outubro-de-1954-o-radio-perdia-roquette-pinto/> (Acesso no dia 05/05/2013)

veículo um meio importante de se comunicar com a massa, um instrumento que auxiliaria no processo de formação educacional de pessoas.

A utilização do rádio como instrumento pedagógico não é recente. Na década de 30 o médico José de Albuquerque foi pioneiro nas discussões de sexualidade, lançando dentre seus livros, a Educação Sexual pelo Rádio, fruto de palestras realizadas na rádio Cajuti, no Rio de Janeiro, como relata o estudo de mestrado sobre as obras do médico das décadas de 20 a 50 de Giselle Volopato dos Reis.

No dia 5 de julho de 1933, José de Albuquerque criou o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (CBES), sendo o fundador e principal responsável e promovendo um intenso movimento em promoção da educação sexual. Por meio do CBES, José de Albuquerque organizou reuniões culturais, conferências, produziu filmes e publicações e reuniu inúmeros intelectuais interessados em estudar e divulgar questões ligadas à educação sexual. O CBES foi responsável pela publicação do Boletim de educação sexual. Foi também responsável pela organização da I Semana de Educação Sexual, realizada em 1934 na cidade do Rio de Janeiro e pela Semana Paulista de Educação Sexual, realizada em 1935 na cidade de São Paulo. Durante 12 anos, às quartas feiras, o CBES realizou sessões públicas de conferências que abrangiam desde explanação doutrinária sobre educação sexual até explanação de filmes e debates. (REIS, 2006 p. 16-17).

A autora ainda destaca as três publicações organizadas pelo CBES, que tinham o intuito de levar assuntos de educação sexual ao grande público: folhetos, cartazes e cartões postais. Outra iniciativa para disseminar a educação sexual e levar informações ao grande público foi à organização de um Museu e Pinacoteca de Educação Sexual. Sediado no CBES, o museu contava com um acerto de 300 peças e quadros que abordavam os mais diversos aspectos do sexo e da educação sexual e tinham como intuito provocar o interesse do grande público em buscar informações e explicações e habituá-lo com a temática (REIS, 2006 ).

Em Educação sexual pelo rádio (ALBUQUERQUE, 1935), Albuquerque procurava esclarecer de uma forma geral às 18 necessidades da educação sexual e as define como estabilizadoras da família e como uma forma de combater a libertinagem. Em todas as palestras, Albuquerque procurava esclarecer à população sobre questões ligadas à sexualidade de forma que o preconceito que existia em torno desta palavra fosse rompido, para que a população pudesse aceitar melhor a educação sexual. (REIS 2006).

O crescimento da rádio na sua primeira década de existência no Brasil se deu de forma lenta. Somente a partir dos anos 30 a rádio se torna um veículo mais popular. O comércio e a indústria tiveram papel

importante nas mudanças ocorridas no sistema. Após o Decreto de Regulamentação do Rádio, (VERMELHO 2009), a publicidade começava a ganhar espaço e os produtos divulgados passavam a ter uma melhor aceitação e venda no mercado. Aos poucos a programação começava a ter interesses mercantis e à preocupação com os programas educativos vai sendo deixada de lado em função dos interesses comerciais e também políticos.

#### **4.4 Rádio Escola e a revolução no ensino público**

Com as mudanças vivenciadas no final do século XIX na sociedade, as práticas educacionais também passaram apresentar modificações e o ensino passa a ser um instrumento de construção social. A educação entre os anos 20 e 30 segundo afirma Assumpção (2008, p. 29), tinha a concepção “Humanística Tradicional, também conhecida por Pedagogia Tradicional ou Escola Tradicional” e atendia os interesses da elite. Neste modelo educacional o mestre detinha o saber e a autoridade, a pedagogia seguia o princípio de depositar conteúdo com o objetivo de memorização.

Segundo Vidal (2000), com intuito de introduzir mudanças, um grupo de intelectuais da época busca inovação nas ideias norte-americanas, entre elas a concepção da Escola Nova, sendo o aluno o centro dos processos de aquisição do conhecimento escolar.

O autor afirma que o precursor do movimento da Escola Nova na América foi John Dewey, cujas ideias político-filosóficas influenciaram vários educadores brasileiros. Entre os pioneiros da “escolanovista” no Brasil citamos como representantes: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, entre outros que inspirados pelos ideais da Escola Nova, procuraram implantar um novo modelo educacional no país.

Acreditava ser a educação o único meio efetivo para a construção de uma sociedade mais democrática respeitando a diversidade e a individualidade dos sujeitos. A Escola Nova surgiu, realmente, com a reforma no ensino. Essa reforma foi um movimento educacional que se opôs às práticas de ensino tidas como tradicionais sugerindo uma educação em que o indivíduo fosse capaz de interagir com e na sociedade, sendo mais justa e igualitária.

Segundo as palavras de Vidal (2000, p. 515) destacamos a importância do movimento renovador no Brasil; “[...] a escola nova promoveu, rupturas nos saberes e fazeres escolares. Não constituíram um novo modelo escolar, mas produziram novas formas e alterou a cultura escolar”.

O propósito era a renovação do ensino a partir de novas práticas pedagógicas, onde a educação passa a ocorrer, através de um processo dialógico e de interação entre o ensino e a aprendizagem, ou seja, a interação entre o professor e os alunos. A relação passa a ser centrada no aluno, sendo que o professor passa atuar como auxiliar do desenvolvimento da aprendizagem para que o aluno construa seu conhecimento de forma ativa.

Em 1932, esse grupo de educadores da “Educação Nova”, lançou ao governo o documento chamado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>13</sup>, marco inaugural do projeto de renovação educacional do país, cujo documento propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a implementação de uma escola pública, laica, obrigatória e gratuita que enfatizasse vários aspectos entre eles biológicos, psicológico e didático-pedagógico. Neste documento, foram propostas e definidas várias soluções que aos poucos foram sendo aplicadas à educação. Segundo Pimentel (1999, p. 30):

Dois artigos desta Reforma determinavam que fossem instalados aparelhos receptores nas escolas municipais e que se criasse uma rádio escola municipal, para transmitir para todas as escolas e aos ouvintes em geral uma programação educativa. (PIMENTEL 1999, p.30)

Sustentado pela nova concepção educacional, “Roquette-Pinto em 1933 sugere a criação da Comissão de Rádio Educativa da Confederação Brasileira de Radiodifusão, com o intuito de fazer chegar até a população conhecimentos necessários a sua formação” (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 32). Através da comissão criada por iniciativa de Anísio Teixeira e a colaboração de Roquette-Pinto, nasce a Rádio Escola Municipal de Distrito Federal do Rio de Janeiro, a primeira emissora de

---

13

Manifesto dos Pioneiros foi resultado de um movimento que nascia das aspirações de educadores e intelectuais que defendiam o progresso social e o desenvolvimento econômico da sociedade brasileira por meio da educação escolar. Impregnado por diferentes posições ideológicas, os princípios de reconstrução educacional culminaram na consolidação efetiva da construção da escola pública. Este Manifesto redigido por uma elite intelectual tornou -se o mais autêntico documento político capaz de provocar mudanças educacionais na sociedade brasileira. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT2%20PDF/O%20MANIFESTO%20DE%201932%20E%20AS%20REPERCUSS%20D5ES%20NA%20FORMA%20C7%20DE.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT2%20PDF/O%20MANIFESTO%20DE%201932%20E%20AS%20REPERCUSS%20D5ES%20NA%20FORMA%20C7%20DE.pdf)> Acesso em: 07 de ago. 2013.



radiodifusão escolar, cuja meta persistia em transmitir diariamente os conhecimentos científicos para as escolas e para o público em geral. Iniciava-se aqui uma nova educação pelo rádio.

De acordo com Assumpção (2008, p. 33):

A disseminação de palestras, conferências educativas, educação sexual, programas sobre a educação formal e a instrução eram os “carros –chefes” do rádio, considerados pelos adeptos do *escolanovismo* de importância capital, no sentido de “instruir” o contingente de analfabetos que havia no Brasil. (ASSUMPÇÃO 2008, p.33)

Portanto, a nova concepção educacional trouxe projetos para regulamentação do rádio com o enfoque sobre o ensino formal, sendo assim a rádio seria uma maneira de divulgar o saber sistematizado assumindo ao longo de sua história tendo dois importantes papéis considerados de fundamental importância que é o de formar e informar.

As programações educativas da Rádio Escola nos primeiros momentos foram feitas de forma amadora, porém intencional. Segundo Pimentel (1999), preocupada em manter o contato com os alunos, a emissora distribuía folhetos e esquemas das lições que eram enviados pelo correio, antes das aulas radiofônicas. Ainda segundo Pimentel (1999, p. 30):

A Rádio Escola distribuía folhetos informativos e esquemas das lições através dos Correios às pessoas inscritas nos programas, e estas respondiam enviando exercícios relacionados ao conteúdo das aulas. No primeiro ano de funcionamento, a PRD-5 recebeu 10.800 trabalhos dos alunos inscritos, e nos anos seguintes este número aumentou consideravelmente, chegando a 20.400 trabalhos em 1941, quando a emissora atingiu seu ápice. (PIMENTEL 1999, p.30)

Este foi o projeto pioneiro de Rádio Escola bem sucedido que consta na história. Pimentel (1999) está correta quando compara a educação pelo rádio como educação a distância, afirmando que a diferença se dá pela educação formal e não formal, já explicado no capítulo anterior.

Faz-se necessário nesta descrição do processo educacional por meio da rádio escola, ressaltar as importantes contribuições do Movimento de Educação de Base (MEB) em relação à educação radiofônica como um trabalho no âmbito da

comunicação sendo considerado por Pimentel (1999, p. 14) “o principal projeto de educação não-formal do Brasil [...]”.

O Movimento de Educação de Base (MEB) esteve ligado diretamente à igreja católica, criado em 1961 com o objetivo de alfabetizar adolescentes e adultos das áreas mais pobres do Brasil. Pensando em desenvolver um programa voltado para a alfabetização e educação de base, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, a partir de suas emissoras promovia no início um trabalho de evangelização, já que a ação se dava por meio de escolas radiofônicas, a partir de emissoras católicas. Com o passar do tempo firma parceria com o Governo Federal o qual financia o projeto e cria o MEB para os estados no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Os programas desenvolvidos pelas “escolas radiofônicas” eram destinados à população (jovens e adultos) que não havia frequentado a escola primária na idade considerada adequada, atingindo assim, os desfavorecidos na sociedade brasileira. Nesta perspectiva afirma Pimentel (1999, p. 46):

Os Cursos Radiofônicos tinham como público alvo tanto os monitores como a população das comunidades atingidas pelo MEB, informando e formando grupos em torno de temas importantes para determinada comunidade, como Saúde, Técnicas Agrícolas ou Formação de Cooperativas, utilizando formatos de comunicação usuais dos alunos, como dramatizações ou desafios de cantadores. (PIMENTEL, 1999 p.46)

Os alunos acompanhavam as aulas por meio de cartilhas que eram produzidas por educadores e especialistas. O MEB não buscava somente uma educação não-formal a distância por meio do rádio, tinha objetivos focados também para uma educação libertadora, indo ao encontro da concepção de Paulo Freire.

Na contemporaneidade, as rádios universitárias exercem um pouco esse papel do passado. A rádio UDESC, com o programa “Educação Sexual em Debate: nas ondas da rádio UDESC”, é um exemplo. O programa surgiu como eixo do trabalho do grupo EDUSEX, como apoio estratégico da extensão aos projetos integrados de ensino de graduação e pós-graduação e às pesquisas na área, de sexualidade. A existência da rádio na UDESC, portanto, permite que projetos das mais diversas áreas possam utilizar o espaço que ela proporciona, pois, além de operar pela frequência 100.1MHz FM, também está disponível na internet.

Outro projeto de rádio escola que foi um marco é o “Educom.rádio, a educomunicação pelas ondas do rádio”. Sendo que este projeto não discutia apenas sexualidade, mas vários assuntos de interesse dos jovens. O criador foi o coordenador do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP), o Prof. Ismar de Oliveira Soares. Ele afirmou que, para a Educomunicação ocorrer nos espaços educativos, é necessária, sobretudo, a criação de “ecossistemas comunicativos”, que cuidem da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como, o acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação:

Os estudos apontam para a necessidade de se promover uma verdadeira “gestão da comunicação em espaços educativos”. Em outras palavras, a comunicação precisa ser planejada, administrada e avaliada, permanentemente. Ainda que complexa e abrangente em sua concepção, a Educomunicação deve ser introduzida nos espaços educativos com base nas condições específicas que caracterizam os diferentes ambientes, e, especialmente a partir das alianças possíveis de serem feitas entre os agentes sociais que atuam em determinado espaço educativo. No caso, o ecossistema comunicativo estará sempre, e necessariamente, em construção. Seu aperfeiçoamento depende da forma como o tema é introduzido. É importante, por exemplo, no início, evitar rejeições e conflitos com os educadores e agentes sociais que defendem concepções mais tradicionais de relações humanas nos espaços educativos. Para tanto, é interessante começar a partir dos pontos de consenso, como a necessidade de melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. (SOARES, 2005).

O Projeto Educom.rádio foi desenvolvido mediante uma parceria entre o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – NCE/ECA-USP e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O projeto envolveu na capacitação mais de 11 mil pessoas em torno do “resgate da cidadania pela educomunicação que se ampara em conceitos como ‘práticas colaborativas’, ‘cultura de solidariedade’ e ‘diversidade cultural’”. Como fio condutor, usou a linguagem radiofônica, propiciadora do resgate da oralidade do aluno e de sua autoestima.” (LAGO e ALVES, 2005).

Uma experiência de destaque também está no município de Horizonte (CE), o projeto “Radio escolas” começou a utilizar o rádio em dez unidades escolares, para assim abrir a discussão sobre os direitos da infância e da adolescência, fomentando a promoção da democracia, da liberdade de pensamento, da responsabilidade social, da autonomia e do protagonismo juvenil.

Cada escola ganhou espaço para criar e veicular sua peça radiofônica no intervalo entre as aulas. Essa dinâmica se manteve até 2011, quando o projeto conseguiu uma parceria junto a radio local, a Horizonte FM (104,9). Com isso, além do diálogo estabelecido no interior das escolas esses jovens tornaram-se propulsores de uma comunicação ativa com os ouvintes em horários fixos.

É um pouco com essa perspectiva, buscando as ações positivas do passado e do presente, que se direciona essa pesquisa. Uma forma de retomar a educação pelo rádio, mas agora, focada nas discussões sobre sexualidade. O que facilita esses debates são as diversas possibilidades que a tecnologia proporciona. As rádios estão se modificando, agora existem as web rádios, são rádios produzidas na internet, com toda programação para se ouvir de qualquer lugar ou aparelho: smartphone, Iped, celular, computador. Os aplicativos também ajudam a propagar as web rádios e ainda oferecem sistemas de podcast, onde se pode gravar áudios e construir programas que vão ser transmitidos por meio das mídias digitais.

## 5 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é fundamentada em estudos descritivos e exploratório mediante a pesquisa-ação. Esse método teve como “criador”, em toda a América Latina, Paulo Freire (FREIRE, 1999) que buscou investigar a “realidade concreta”, diante de problemas da prática educativa que alia pesquisa e ação, permitindo que o pesquisador eduque ao mesmo tempo em que está educando, num movimento contínuo pesquisa-ensino, que torna a educação compartilhada, responsável e problematizadora (FREIRE, 1996).

Na proposta de Freire (1999), a orientação é que sejam elencados os temas geradores, de forma democrática e aberta, e o processo educativo seja conduzido baseado nesses temas gerados permitindo, então, a participação ativa dos envolvidos. Isso permite identificar problemas no sujeito pesquisado, buscando, por meio de intervenções educativas, possíveis soluções para as dificuldades encontradas. A escolha do modelo pesquisa-ação voltada para educação problematizadora, libertadora ou conscientizadora, propicia o desenvolvimento do homem, tornando-o agente de sua transformação (BUENO 2011).

Essa definição se compara muito com a concepção de outro autor, Thiollent. Segundo ele, esse tipo de pesquisa firma-se como método capaz de inserir o pesquisador de forma ativa nos fatos observados, com ênfase em três aspectos: resolução de problemas; tomada de consciência; produção de conhecimento (THIOLLENT, 2007).

Já Freire (1999) citado por Bueno (2001) também orienta outras fases para a pesquisa-ação, que consistes em: levantamento do universo temático, que são os temas geradores definidos pelo método dialógico e conscientizador (FREIRE, 1993) onde há organização do material da coleta de dados; seleção e codificação de palavras e frases; síntese de palavras; ordenamento dos temas geradores; desenvolvimento da ação educativa.

No entanto, os dois autores citados concordam que a pesquisa-ação não implica em atender a totalidade destes aspectos, pois quanto aos objetivos práticos espera-se “pelo menos fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de soluções e obstáculos” (THIOLLENT, 2007, 23p).

Desta forma, esse tipo de pesquisa objetiva analisar e agir de forma complementar, simultânea e cíclica, num contexto vivenciado, compreendido,

questionado e compartilhado. Assim, através da pesquisa-ação acredita-se que se possa “alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social” (THIOLLENT, 2007).

Freire (1999, p.33), acaba por trazer a real finalidade da pesquisa-ação, dizendo que não é:

[...] “fazer a cabeça do povo”, trazendo do exterior a consciência “lúcida e crítica” [...] não deve ser a oportunidade de o pesquisador fazer seu discurso [...]. A consciência – como o conhecimento – não se transferem prontos, de fora para dentro, nem da noite para o dia. Consciência e conhecimento se constroem, se estruturam e se enriquecem em cima de um processo de ação e de reflexão empreendido pelos protagonistas de uma prática social vinculada a seus interesses concretos e imediatos. Motivar e instrumentar grupos populares para que assumam sua experiência cotidiana de vida e de trabalho como fonte de conhecimento e de ação de transformação acreditamos ser o objetivo da pesquisa social e da ação educativa [...].

Neste projeto de intervenção participaram 90 estudantes de ambos os sexos de duas turmas, uma do ensino fundamental e outra do ensino médio. A pesquisa se desenvolveu através de sete encontros, cada fase será explicada detalhadamente no decorrer dos próximos capítulos e subitens.

- 1- Aplicação de questionário com grupo de dez alunos do Grêmio Escolar.  
Nesta fase os jovens respondem a perguntas sobre a concepção de sexualidade, se tinham interesse em ter um programa de rádio na escola e o que eles consideravam importante discutir sobre o tema.
- 2- Aula expositiva com as duas turmas sobre conceitos e formas de lidar com a sexualidade.
- 3- Apresentação de dinâmica do desenho explanação sobre o que eles entenderam da aula expositiva realizada por esta pesquisadora.
- 4- Bate papo com os alunos das duas turmas para tirar dúvidas diversas.
- 5- Questionário com a escolha do tema a ser discutido no primeiro programa de rádio dentro da escola.
- 6- Montagem de painel e meios de divulgação para convocar a comunidade escolar a participar desta intervenção.
- 7- O processo final que aqui chamo de castração.

O método utilizado apoia-se nos referencias metodológicos de Paulo Freire sustentados pela observação participante, entrevista com questões norteadoras tendo como instrumento questionário com perguntas abertas e por fim, a avaliação da pesquisadora. A observação pode ser considerada como parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa e se dá por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, a fim de recolher as ações dos autores, em seu contexto natural, a partir da perspectiva e do seu ponto de vista. (BUENO, 2011; FREIRE, 2005).

## **5.1 Momentos da pesquisa**

O trabalho se dividiu em três momentos distintos:

1º Momento: Observação Participante

2º Momento: Levantamento do Universo Temático

3º Momento: Intervenção Educativa

### **5.1.1 Observação Participante**

Num primeiro momento, considerando o objeto de estudo, foi necessário trabalhar com a observação do participante para melhor compreender o ambiente e os sujeitos a serem pesquisados. Essa observação foi feita por meio de anotações no caderno usado para pesquisa. Esta técnica de observação permitiu conhecer melhor o local pesquisado, bem como os participantes. Os participantes são de fundamental importância para apropriação da realidade e para o registro dos fatos. Da mesma forma, o observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, possibilita e facilita a coleta, efetivamente, de dados.

Isto posto, leva a crer que a observação do participante prescinde de tempo (a curto, médio e longo prazo), visto que ela é realizada durante todo o percurso da pesquisa, ou seja, antes, durante e após a aplicação do instrumento, e do encontro para o desenvolvimento das aulas pedagógicas (desenvolvimento das intervenções educativas).

O início da pesquisa se deu com um primeiro contato com a direção da escola para saber se havia possibilidade de realizar o estudo nesse ambiente. Na segunda

visita foi entregue a direção o termo de declaração (Anexo 1) feito pelo Orientador deste projeto, cientificamente obrigatório, para formalizar a incursão desta pesquisadora no ambiente escolar.

Na terceira visita a direção apresentou a esta pesquisadora as coordenadoras do Ensino fundamental II e Ensino Médio onde foi abordado o conteúdo do projeto e objetivo da pesquisa. Foram traçadas as estratégias para análise em campo. As duas turmas selecionadas para o trabalho foram escolhidas pelas coordenadoras de cada núcleo, bem como, a direção. Na quarta visita a pesquisadora foi apresentada ao presidente do Grêmio, no qual também teve acesso ao objetivo do estudo. O mesmo ficou responsável por chamar os outros membros para participação na aplicação do questionário. Foi marcado dia e horário para o encontro e aplicação com os dez membros do Grêmio escolar, onde será descrito o andamento nas análises dos dados.

## **5.2 Levantamento do universo temático**

Foi necessário antes do desenvolvimento da pesquisa observar o ambiente a ser trabalhado e o objeto de estudo.

### **5.2.1 Escola**

A escola onde foi realizada a pesquisa de campo fica localizada em Franca, São Paulo. É pública, da rede estadual de ensino, e atua no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, funcionando nos três turnos, sendo: 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II e 1º, 2º e 3º do Ensino Médio no período matutino; 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II no período da tarde; e 1º, 2º e 3º do Ensino Médio noturno. Essa escola foi selecionada para a pesquisa porque já possui dentro da própria sede um sistema de som e equipamentos de rádio que possibilitam e facilitam o estudo para criação de um programa sobre sexualidade na escola.

### **5.2.2 Participantes**

A pesquisa foi realizada com dois tipos de alunos em ensinos diferentes. Uma turma de 8º série do ensino fundamental com 45 alunos, entre 12 e 14 anos, e, com



uma turma do 1º ano do ensino médio que possui também 45 alunos, mas entre 15 e 17 anos. Todos foram convidados a participar da intervenção e da aplicação do instrumento de maneira livre. Sobre a aplicação do questionário foram autorizados pela direção da escola a responder apenas o grupo de dez alunos que faz parte do Grêmio Escolar. A única exigência feita por esta pesquisadora foi de que os membros selecionados pela direção estivessem cursando ou a 8º série ou o 1º ano para ter coerência com o público alvo do estudo.

A pesquisa com alunos não teve a intenção de catalogar ou referenciar a frequência e percentagem dos participantes que responderam ao questionário por sexo, ano e período que cursou nível socioeconômico e religião. O objetivo foi compreender o que de fato eles entendem sobre sexualidade, se existe um interesse em falar sobre esse assunto num programa de rádio dentro da escola e como os temas são tratados na sala de aula.

### **5.3 Procedimentos para a coleta e análise dos dados**

No momento da coleta de dados, foi realizado o levantamento dos problemas, por meio de um questionário, contendo questões abertas. Os questionários foram devidamente preenchidos no intervalo de aula, após já ter informado aos alunos sobre o objetivo desta pesquisa.

Como já citado, o projeto tem como metodologia, a pesquisa-ação, investigando o estudo em foco, levantando problemas e propondo a realização de intervenções educativas por meio do rádio, como instrumento nesse processo. Este momento foi consolidado após o levantamento das necessidades e dificuldades dos estudantes, no qual se obteve a análise dos dados referentes à emissão das respostas dos questionários, de onde foi retirado as palavras-chave (temas geradores).

Esses temas permitiram elaborar as categorias, resultando em eixos temáticos que serviram de subsídios para o desenvolvimento das ações educativas realizadas na aula pedagógica. Posteriormente, foi elaborado um plano didático-pedagógico, através de ações dentro do ambiente escolar para informar os alunos das duas turmas escolhidas para fazer parte da pesquisa sobre como seria a intervenção educativa com o rádio e as discussões sobre sexualidade dentro da sala de aula.

### **5.3.1 Pedagogia de Paulo Freire**

O estudo foi baseado no modelo pedagógico que se fundamenta na educação conscientizadora/problematizadora, sustentada pela metodologia participativa e dialógica, que favorece uma relação crítica e transformadora (FREIRE, 1996a). Para Freire (2000, 1996a), o ser humano é histórico, está submerso em condições espaço-temporais e, quanto mais refletir de maneira crítica sobre sua existência, mais poderá influenciar-se e tornar-se mais livre. A seguir, apresentam-se alguns conceitos formulados por Freire e amplamente utilizados nas áreas da educação.

A problematização supõe ação transformadora, é inseparável do ato cognoscente e de situações concretas e o conteúdo elaborado refere-se ao contexto, às situações vividas e possibilita que o educador chame o educando a refletir sobre a realidade de forma crítica (FREIRE, 1996a).

O diálogo é conteúdo da forma de ser próprio à existência humana. A educação é diálogo e comunicação, visto que não significa transferir saber e conhecimento e, sim, encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 2001, 1996b).

A liberdade pode ser definida como uma conquista e exige busca permanente, existindo apenas no ato responsável de quem a faz (FREIRE, 1996a). A conscientização é uma inserção crítica na história, na qual o homem assume uma posição de sujeito capaz de transformar o mundo (FREIRE, 2000).

### **5.4 Intervenção Educativa**

O trabalho transcorreu com o desenvolvimento de uma aula/oficina pedagógica (espaço destinado para as intervenções educativas). Esta técnica didática aconteceu de forma participativa, integrativa e dialógica, contrapondo-se à concepção tradicional, avançando para uma concepção conscientizadora, humanista e libertadora do ato de educar, respeitando a vocação ontológica do homem de ser mais (FREIRE, 1997).

A aula/oficina, foi composta de uma aula expositiva sobre o que é sexualidade, bate papo sobre temas transversais onde foram tiradas dúvidas dos alunos e apresentação da sexualidade na visão deles. Isso serviu para desenvolver os temas geradores identificados pelas falas dos alunos, trabalhando técnicas de dinâmica de grupo como discussão, debate e simulação de casos.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados vão ser apresentados de acordo com cada fase da investigação e instrumento utilizado. Sendo assim, seguem essa sequência: resultados da aplicação do questionário com o grupo de dez estudantes do grêmio; aula/oficina expositiva; intervenção na escola com alunos envolvendo atividades de apresentação de tema em sala de aula, um bate papo para tirar dúvidas, dinâmica do boneco, escolha de tema pra programa de rádio e trabalho de divulgação.

### 6.1 Resultados do questionário

O questionário contendo sete perguntas foi aplicado no intervalo da aula com os dez adolescentes que fazem parte do Grêmio escolar e estão cursando as turmas investigadas nesse projeto ou 8º ou 1º ano. Após o primeiro encontro, onde houve a explicação sobre o projeto de pesquisa e como seria feito, foi marcado um segundo momento para que todos do grupo pudessem responder ao questionário que daria início a pesquisa.

**Figura 1 – Encontro com estudantes do Grêmio**



Fonte: arquivo pessoal pesquisadora, 2015

A primeira questão da entrevista pretendia verificar junto aos adolescentes, se os mesmos sabiam o que era sexualidade. Todos os dez jovens que responderam o questionário afirmaram que sabia o que significava sexualidade.

**Quadro 1 - Você sabe o que é sexualidade?**

Sim	10 alunos
Não	Nenhum

Os mesmos dez alunos afirmaram que o professor (a) já havia falado sobre sexualidade na sala de aula. Quando perguntado em qual disciplina, alguns entrevistados responderam em mais de uma, ficando na seguinte assim: biologia seis alunos, história dois alunos e em ciências oito alunos ouviram falar.

**Quadro 2 - Em qual disciplina o professor falou sobre sexualidade?**

Biologia	6 alunos
História	2 alunos
Ciências	8 alunos

Sobre o assunto abordado durante as disciplinas que tocaram na questão da sexualidade estão: Doenças Sexualmente Transmissíveis foi citado por seis alunos, apenas um disse que o professor mostrou ilustração, no entanto, não informou o conteúdo dessa figura e dois disseram que a abordagem do tema foi breve.

**Quadro 3 - Como o assunto foi abordado nessa disciplina?**

DSTs	6
Ilustração	1
Tema livre	2

Ao serem questionados se gostariam de discutir sobre sexualidade dentro do ambiente escolar e Por quê? Nove alunos afirmaram que sim. Desse total, quatro acham que é interessante. Três acham importante para tirar dúvidas e dois para conscientização. Apenas um adolescente não gostaria de discutir esse assunto em sala de aula por que nas palavras dele “acha vergonhoso”.

**Quadro 4 - Você gostaria de discutir sexualidade no ambiente escolar?**

Sim	9 alunos
Não	1 aluno

**Quadro 5 - Por quê?**

É interessante	4 alunos
Importante para tirar dúvidas	3 alunos
Conscientização	2 alunos
Acha vergonhoso	1 aluno

Na pergunta sobre qual tecnologia de informação gostaria de usar em sala de aula para discutir sexualidade, os jovens optaram por: programa de rádio como sendo à opção preferencial de seis alunos, um optou por cartazes e banner e três alunos gostariam de ver informações de forma escrita no site da escola.

**Quadro 6 - Qual tecnologia da informação gostaria de usar para falar de sexualidade na escola?**

Televisão	Nenhum
Rádio	6 alunos
Cartaz e banner	1 aluno
Site	3 alunos

Na última pergunta do questionário foi solicitado que os jovens escrevessem possíveis assuntos que gostariam de discutir no programa de rádio sobre sexualidade, podia citar vários assuntos, não tinha limite, até porque foi uma questão aberta. Como foram muitos temas, para selecionar a ordem de prioridade desses assunto foi usando o critério de maior prevalência do assunto citado ficando da seguinte maneira: prevenção a drogas e doenças foi escrito por sete alunos, gravidez na adolescência por cinco, DSTs teve a preferência de cinco jovens, masturbação, perda de virgindade e violência foram temas citados cada um por apenas dois alunos. Já aborto, relação sexual, tipos de sexualidade e preconceito por uma pessoa.

**Quadro 7 - Cite alguns assuntos para serem abordados no programa de rádio sobre sexualidade**

Temas:	Quantidade
Prevenção de drogas e doenças	7
Gravidez na adolescência	5
DSTs	5
Masturbação	2
Perda de Virgindade	2
Violência	2
Aborto	1
Relação sexual	1
Tipos de sexualidade	1
Preconceito	1

Nota-se diante dos resultados o interesse em ampliar a discussão sobre os temas transversais no ambiente escolar. No entanto, nesse espaço os temas devem ser tratados através de dinâmicas para que se possam problematizar temáticas levantar questionamentos e ampliar a visão de mundo e de conhecimento de forma mais interativa, leve e lúdica.

## 6.2 Aula expositiva

**Objetivo:** Explicar o que é sexualidade, diferença de gênero e as possíveis configurações familiares existentes na pós-modernidade.

**Material:** Datashow. Apresentação de slides com fotos, desenhos e gráficos, além da exposição sobre o biscoito sexual, um boneco usado para exemplificar as questões de gênero e identidade de gênero.

**Execução:** A pesquisadora iniciou a aula apresentando um slide onde mostrou a diferença entre sexualidade e sexo para que os alunos pudessem ter a clareza de ambos os significados e suas funções. Como diz Figueiró:

O primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual, necessidade essa que todo ser humano, seja normal ou com necessidades educacionais especiais, traz

consigo desde que nasce. Sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. Apesar da abrangência maior da sexualidade, merecem ser devidamente considerados, o papel e o valor do sexo. (FIGUEIRÓ, 2009, 143-144)

### **Figura 2 – Aula expositiva sobre conceitos de sexualidade**

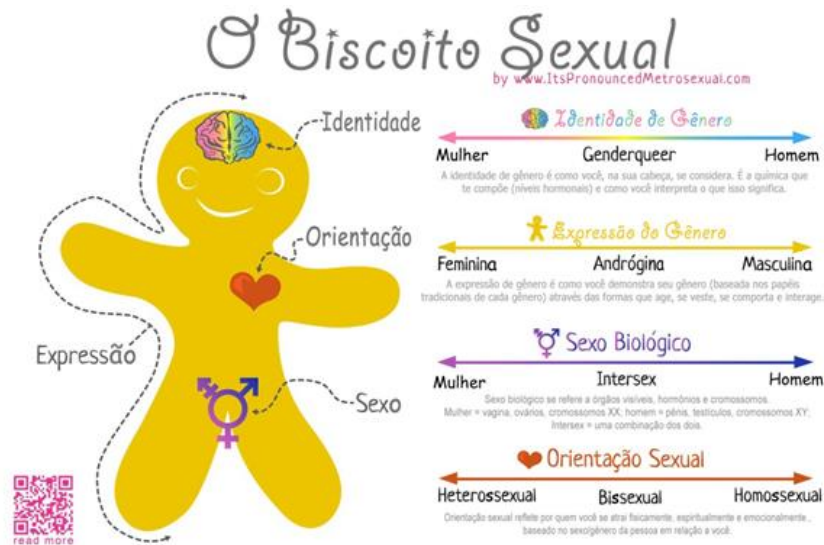


Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2015

Em seguida, a pesquisadora tratou sobre iniciação sexual precoce, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Por último, levantou questões de gênero e utilizou como recurso didático o biscoito sexual. É um boneco, bastante utilizado em trabalhos científicos que explica a diferença de identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. A utilização desse boneco tende a aproximar mais os alunos dos conceitos, já que cria uma referência da época da infância, sem contar, que deixa o momento mais lúdico e não tão tenso.

Esta etapa do trabalho durou 1h, foi como se os alunos estivessem tendo uma aula normal da sua grade diária, mas com o conteúdo específico sobre sexualidade. A dinâmica da explicação sobre os conceitos foi aplicada nas duas turmas pesquisadas, sendo que em horários diferentes, para não comprometer o andamento normal das aulas.

**Figura 3 – Biscoito Sexual usado para conceituar gêneros**



Fonte: Uol

**Avaliação:** A dinâmica foi extremamente positiva. Não houve rejeição por parte dos alunos, ao contrário, houve muita inquietação porque alguns alunos queriam fazer perguntas, ou, demonstravam certa identificação com o conteúdo abordado por esta pesquisadora. A aula expositiva teve duração de 1h e foi cedido o horário da disciplina de história, a professora desta matéria também acompanhou a dinâmica, sem interferir.

### 6.3 Dinâmica do diga aí

**Objetivo:** Reconhecer e identificar as mudanças do corpo.

**Material:** Pergunta e resposta.

**Execução:** Após a aula expositiva a pesquisadora colocou os alunos em círculo sentados nas cadeiras e aplicou a dinâmica do Diga Ai!, Um recurso de expressão de fala sobre determinado tema. Foi feita uma pergunta única: O que mudou em seu corpo? A pesquisadora foi em direção a cada um dos alunos para obter a resposta que foi gravada através do aparelho celular. Foi solicitada apenas uma única resposta e que, esta, fosse direta. As mais recorrentes foram:

“cresceu os seios”, “fiquei maior”, “impaciência”, “A voz mudou”, “Espinhas”, “Quadril mais largo”, “Bunda cresceu”, “Aumento de peso”, “Aparecimento de pelos”, “Mais maturidade”, “rebeldia”, “malícia”, “aumento do pênis”, “ciclo menstrual mudou”. Para



finalizar esta atividade foi perguntado de forma geral com quem eles conversam sobre sexualidade e sexo. A maioria respondeu: a mãe.

**Avaliação:** Através das respostas pode-se notar que as preocupações nas mudanças do corpo durante a fase da puberdade estão mais voltadas para parte física e não muito a orgânica comportamental. Existe uma grande preocupação com o aumento das espinhas e a mudança de voz, principalmente para os homens.

#### **6.4 Atividade do desenho do corpo**

**Objetivo:** Despertar consciência sobre desejo e o sujeito no mundo.

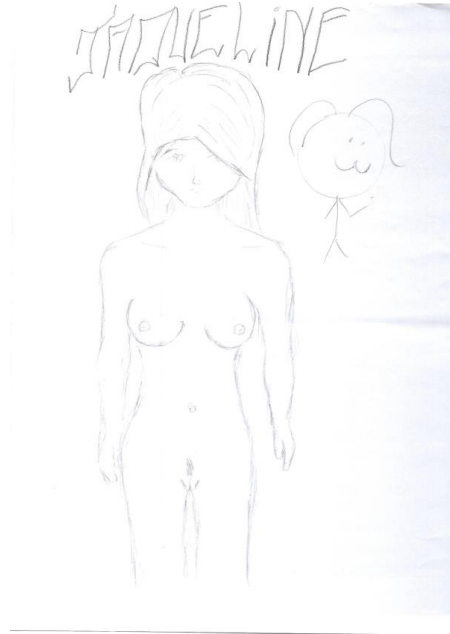
**Material:** Papel ofício A4 em branco, caneta ou lápis.

**Execução:** Esta atividade foi realizada no segundo encontro, logo após as duas primeiras atividades citadas anteriormente. Os alunos se dividiram em quatro grupos. Foi entregue um papel ofício em branco e lápis e eles foram orientados a: desenhar um corpo humano, escolher o sexo biológico, a orientação sexual, dar um nome e criar a história de vida desse indivíduo. Essa atividade durou 20 minutos, depois cada grupo teve que apresentar a história dos personagens que construíram e argumentar a escolha das características para criação desse indivíduo. Os grupos deram vida a quatro personagens que ganharam até nomes. Nesta parte da pesquisa se faz necessário conhecer os personagens criados pelos alunos e analisá-los.

**Jaqueline:** Menina de 20 anos, cabelos longos e sofria bullying na adolescência por ser magra, feia e ter bastante espinhas. Depois de um tempo, ela foi melhorando, ficou mais bonita e desejada por todos.

Ao ser questionado por que o grupo optou trabalhar com o gênero feminino na construção de uma personagem heterossexual, um aluno respondeu: “todo homem fica olhando assim.....assim para uma mulher. Homem gosta de mulher bonita e gostosa, não vai gostar de mulher magrela”. Isso reforça uma verdade midiática de construção de uma beleza padrão.

**Figura 4 – Jaqueline. Boneca desenhada por um grupo de estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora, 2015

**Edimar:** Descobriu que era gay na adolescência e teve medo de assumir para pais amigos. Como dava “pinta” começaram a zoar com ele na escola, até que um dia contou para os pais, mas o pai dele acabou o expulsando, por conta disso, Edimar se sentiu rejeitado e se suicidou. Ao ser questionado por que o grupo trabalhou com a história de um menino homossexual, uma aluna respondeu: “a gente resolveu porque aconteceu um exemplo aqui na sala que o menino foi embora da escola. Isso acontece muito à pessoa se assume ai os pais e os amigos não aceitam, a pessoa fica deprimida e até se mata”.

**Figura 5 – Edmar. Boneco desenhado por um grupo de estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora, 2015

**Pedro:** Menino de 15 anos que começou a ver a mudança no corpo e teve como primeira atitude se masturbar. Ele comentou com seus amigos e todos começaram a zoar. Pedro se fechou e conheceu um programa na escola chamado prevenção. Depois disso deixou a vergonha de lado e percebeu que se masturbar é normal. Ao ser questionado por que o grupo trabalhou com a história de um menino, a resposta foi direta: “Por que o boneco era mais fácil de desenhar”.

**Figura 6 – Pedro. Boneco desenhado por um grupo de estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora, 2015

**Sophia:** Menina que foi desenhada dividida em duas partes, uma antes e outra depois da puberdade. Antes ela sofria bullying por ser descuidada com sua beleza e corpo. Após ser ofendida muitas vezes, ela sentiu vontade de se cuidar. Passou a usar maquiagem e se tornou uma menina bonita com autoestima melhor. Ao ser questionado por que o grupo trabalhou com a história de uma menina feia, o grupo respondeu: “Por que nessa época, antes da puberdade, a pessoa não se cuida, não tem interesse em nada disso. Depois passa a ter interesse no sexo oposto ou no mesmo e quer se cuidar”. Nota-se nesse contexto que o conceito de cuidar para os jovens é apenas usar produtos que escondam as espinhas, provando, mais uma vez as imposições midiáticas de beleza e consumo.

**Figura 7 – Sophia. Boneca desenhada por um grupo de estudantes**



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora, 2015

**Avaliação:** Percebe-se que na construção do EU, há ainda uma presença marcante dessa divisão binária, do que é de menino e de menina. A luta de forças e de poder presente na virilidade masculina, bem como a reafirmação da fragilidade feminina, além da manutenção de um padrão social de beleza que mesmo nessa nova geração ainda é forte, como se fosse, uma necessidade primordial na formação nas relações interpessoais.

## 6.5 Tirando Dúvidas

**Objetivo:** Esclarecer questões pendentes a sexualidade e sexo

**Material:** Bate papo com alunos

**Execução:** A pesquisadora reuniu os alunos em círculo e abriu para as perguntas espontâneas. Não coube aqui analisar a questão das perguntas por gênero, mas sim o teor dessas dúvidas. À medida que os questionamentos eram feitos, as respostas eram dadas pela pesquisadora, no sentido de tentar sanar a dúvida desse jovem e sempre após as respostas havia uma replica ou do próprio aluno que questionou ou de um colega.

**Figura 8 – Bate papo com os estudantes para tira dúvidas**



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora, 2015

**Perguntas:** As perguntas mais frequentes na dinâmica tirando dúvidas foram:

O ponto G existe? Qual a causa da ejaculação precoce? O que é orgasmo? Porque o peito do homem cresce e fica um caroço? Tem como controlar o desejo? Porque fica ereto quando acorda? O que é amor platônico? Porque a mulher demora mais do que o homem para gozar? O que é virgindade? Sexo anal traz doença? Como rompe o hímen?

**Relato de caso 1:** Um jovem de 13 anos perguntou: por que o homem quando se masturba sente cansaço? Depois de explicar que durante o sexo com penetração ou na masturbação o corpo passa por um ciclo de resposta, do desejo a resolução, que

é justamente o orgasmo, até atingir a fase de relaxamento, acabou por suscitar outro questionamento: como a questão da masturbação pode atrapalhar o crescimento do pênis? Nesse momento, outro aluno também de 13 anos fez esta colocação: “A masturbação não deixa o pênis maior. Isso é pura superstição, ela é mais uma forma de prazer”. Quando esta pesquisadora foi questionada se sexo anal provoca doenças, logo de imediato uma menina de 16 anos retrucou: “Sexo anal é uma delícia, mas pode gerar doenças graves no pênis”.

**Relato de caso 2:** Em outra situação, o assunto era namoro e uma jovem de 16 anos disse: “Para esquecer outra pessoa o recomendado é ficar com outras pessoas. É assim que faço”. No momento em que a pesquisadora estava respondendo a questões sobre homossexualidade, sobre se ser Gay é Doença? Um rapaz de 15 anos se posicionou de forma reflexiva: “Sou um jovem pós identitário ainda estou passando por minhas elaborações. Não me definirei, pois posso incorrer em erro”. Sobre a questão da Educação Sexual realizada dentro do seio familiar, pelos pais, um jovem chegou a ser até agressivo na sua colocação: “Os pais são péssimos! Não sabem mesmo conversar com os filhos. Meus pais, por exemplo, são dos tempos antigos”.

**Avaliação:** Este foi o momento mais eufórico de todo o desenvolvimento da pesquisa. A cada pergunta, havia expressões diversas de risada, espanto, gritos, cochichos paralelos, alguns jovens mais envergonhados ficaram quietos e não se pronunciaram. É percebido o grau de interesse dos jovens nesse tipo de dinâmica porque eles puderam protagonizar num espaço de poder, onde regras são estabelecidas e, onde, o preconceito ainda é latente, principalmente, na exposição desses assuntos, suas opiniões de forma aberta e leve, sem tabus.

## 6.6 Escolha do tema do programa de rádio

**Objetivo:** reforçar o tema que lhe causa inquietação

**Material:** aplicação de questionário em forma de votação.

**Execução:** Depois de todas as explicações e conceitos abordados nas etapas anteriores, chegamos à fase de escolher um tema único para que fosse o assunto principal de um possível programa de rádio sobre sexualidade na escola. Para isso, foi feita uma votação com os alunos que quiseram participar de forma aleatória entregando um papel com mini questionário contendo três temas, sendo que eles só

poderiam marcar com um x um. A escolha dos três temas foi baseada no maior aparecimento de questões nas etapas anteriores.

**Figura 9 – Alunos votando no tema do programa de rádio**



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, 2015

O resultado da votação do tema para o programa de rádio teve como resultado:

**Quadro 8 – Resultado da votação do tema para produção do programa de rádio**

Quantidade de alunos	Tema do programa
44	A prática do sexo: afeto, primeira vez, prevenção e etc.
9	Diversidade de gênero: Homossexualidade, Heterossexualidade, Travestis, Transsexuais
13	Mudanças físicas: Hormônios, masturbação, orgasmo

**Avaliação:** A dinâmica foi rápida e não gerou dúvidas nos participantes. Com o resultado do tema vencedor sendo a prática do sexo, os alunos partiram para a próxima etapa que será relata adiante.

## 7 CASTRAÇÃO E O IMPACTO NA PESQUISA

Para que o programa de rádio dentro da escola fosse realizado, seria necessário antes, informar toda a comunidade escolar, visto que o programa estava previsto para ir ao ar durante o intervalo da aula, justamente, para atingir a todos. Para divulgar o programa de rádio sexualidade, os alunos construíram, no mural de aviso da escola, um quadro com várias camisinhas e a frase escrita em cartolina: A prática do sexo.

**Figura 10 – Mural para divulgação do programa de rádio**



Fonte: arquivo pessoal pesquisadora, 2015

Tanto a produção do mural, quanto a montagem foram elaborados pelos próprios participantes da pesquisa.

**Figura 11 – Alunos produzindo o mural**

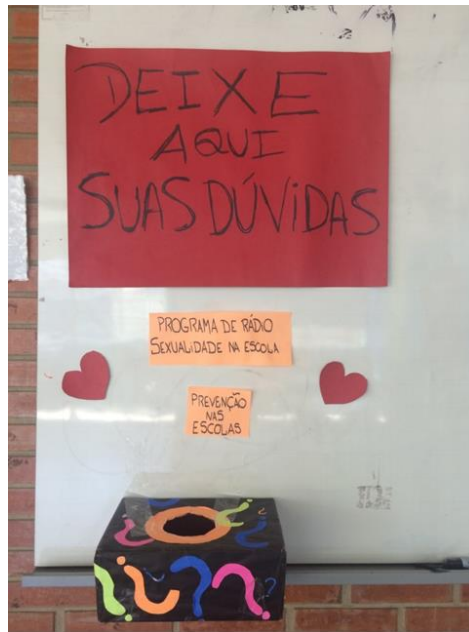


Fonte: arquivo pessoal pesquisadora, 2015



No mural ao lado, o mesmo grupo colocou uma caixa de sugestão de perguntas e informou que se tratava de uma intervenção escolar para realização de uma atividade extraclasse. A iniciativa partiu dos próprios alunos que estavam empolgados com a realização dessa novidade, sendo supervisionado pela pesquisadora.

**Tabela 12 – Caixa para sugestões e perguntas dos alunos**



Fonte: arquivo pessoal pesquisadora, 2015

A gravação do programa piloto, de forma, experimental, seria realizada na mesma semana da montagem do mural. Dois alunos participantes de todo processo da pesquisa se propuseram, espontaneamente, a apresentar o programa, sendo um homem e uma mulher. A pesquisadora iria responder as perguntas colocadas na caixa de dúvidas. No entanto, no dia em que o primeiro programa estava previsto para ser executado houve um processo de interrupção.

A pesquisadora, ao chegar à escola, não encontrou mais o mural, ou seja, havia sido retirado a mando da coordenação com a justificativa de que “esse assunto estava incentivando a iniciação sexual dentro do ambiente escolar”, o que pode ser caracterizado como um processo de “castração simbólica”. Freud foi quem instituiu o termo “Castração”, associado a um complexo que designa “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a

diferença anatômica entre os sexos" (ROUDINESCO, E. & PLON, M, 1998. p 104.) (presença ou ausência de pênis) e se centra na fantasia de amputação do pênis.

Este complexo aparece pela primeira vez no texto *Sobre as teorias sexuais infantis*, de 1908, onde Freud afirma que toda criança faz diferença sexual entre pessoas que possuem pênis e pessoas que foram castradas. Mais tarde, em 1923, Freud relacionou também a castração ao complexo de Édipo e com o estágio fálico do desenvolvimento libidinal. Partindo desta análise, é possível fazer uma relação simbólica com este trabalho, no sentido de que, o termo castração está correlacionado a ruptura, a um corte brusco do elemento: pesquisa.

Segundo a coordenadora, a interrupção da metodologia de pesquisa para conclusão do programa de rádio aconteceu "para não criar conflito entre alunos e pais, já que boa parte dos estudantes é evangélica". A fala da coordenadora reforça a importância do universo religioso como instância reguladora das sexualidades brasileiras, em interação com diversos outros discursos disseminados, por exemplo, pela mídia (Heilborn, 2006).

O relato da coordenadora demonstra não só uma dificuldade dos docentes em tratar dos temas de sexualidade por conta de valores morais e religiosos, bem como, reafirma a separação entre o mundo privado e a esfera pública. A sexualidade foi expulsa da esfera pública devido ao papel que exerce na família, e que a família exerce sobre ela e na interioridade das pessoas. "À medida que a adesão religiosa também se define como parte da dimensão privada dos sujeitos modernos, a família, a sexualidade e a religião voltam a se encontrar". (DUARTE 2006, p 64).

Mesmo na família, a sexualidade tem um lugar ainda bastante próprio e restrito que é relação do sexo com a procriação. Esse discurso também se faz presente no ambiente escolar a partir do lugar de fala da coordenadora, quando ela diz: "os alunos de outras turmas começaram a retirar os preservativos do mural porque acharam a exposição estranha". No entanto, essa fala expõe uma contradição nas ações realizadas pela própria escola. Como os alunos acham estranho ver preservativos expostos, se a própria escola os possui? Como os alunos acham estranho ver os preservativos exposto se, na própria escola, existe um programa sobre saúde e prevenção onde um grupo de alunos, uma vez por semana, visita uma turma para demonstrar como se coloca a camisinha? Ou seja, o discurso para interrupção não faz sentido.

A partir do momento em que houve a autorização era sabido o contexto do conteúdo a ser abordado no estudo, percebe-se um impacto muito mais forte e presente para o corpo docente do que para os estudantes. O despreparo da escola aponta, de certo modo, uma resistência em lidar com a realidade, em nenhum momento tentou-se solucionar a questão, o que mostra fragilidade do corpo docente. Para sanar problema tem que saber que existe um. Principalmente, por esses alunos que ansiavam uma discussão. Em outra fala, a coordenadora chegou a dizer que a pesquisa “estava incentivando o sexo”.

O fato da temática sexual não estar incluída nas políticas públicas para a educação e ser considerada relevante pela grande maioria dos atores sociais da escola não significa, automaticamente, que ela esteja incentivando algo nocivo, até porque a sexualidade é um processo de naturalização. Ao que chamamos de castração se refere à identificação de que a escola não é um ambiente sexualizado e que essa repressão sexual é mecanizada, pois os educadores reprimem os educandos, primeiro, porque também foram reprimidos, e segundo, porque as leis sociais de moralidade assim exigem. Mas, no entanto, a escola é sim, um ambiente sexualizado. É nela onde há a construção de identidades, onde existem as descobertas do corpo, onde se propaga os bate papos entre amigos e os namoros.

No entanto, esse processo de “castração”, o qual foi citado no início desse capítulo, acaba por fazer sentido quando se pensa nas relações de poder de Michel Foucault (1926-1984). O filósofo constata que toda sociedade ordena os discursos que são elaborados pelos indivíduos a fim de diferenciar e fazer circular os bons discursos que contribuem para a estabilidade da sociedade, daqueles que são censurados, excluídos e postos numa posição marginal perante o grupo. Como afirma Foucault na obra *A Ordem do Discurso*,

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar---lhe os poderes e os perigos, refrear---lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (Foucault, 2001,p.2).

Para Foucault, o poder em todas as sociedades, está ligado ao corpo. É sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. É sobre o corpo que o poder circula livremente, saltando nas relações familiares, passando pela

escola, adentrando o universo dos saberes científico e político e vindo à tona nas relações do Estado. Nesse sentido, descreve Foucault:

As relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre o que sabe e o que não sabe, entre pais e filhos, na família. Na sociedade há milhares, milhares de relações de poder, e, por conseguinte, relações de forças, e assim pequenos encontros, micro lutas por assim dizer (Foucault, 2009, p.239).

As relações de poder para Foucault não se processam apenas por meio das Instituições sociais, mas antecedem a tarefa ordenadora destas, começando pela família, na relação entre pais e filhos. É na célula familiar que as primeiras disciplinas são aplicadas ao corpo da criança, seja na educação higiênica, no tratamento e cuidado do corpo, na postura que se toma em diferentes espaços: na mesa, no quarto, em como se portar perante os outros, em esconder e inibir os genitais, ou ainda, em que tom de voz se deve falar e que tipo de assunto deve se ignorar ou calar. A ação pedagógica exercida pelas disciplinas familiares será, segundo Foucault, o traço decisivo para a postura e apresentação de si de um indivíduo, pois as relações de poder e o conjunto de saberes instituídos sobre seu corpo figurarão como uma impressão ou carimbo que ele levará para a vida, e isso pode refletir de forma muito negativa para o sujeito. Como o próprio Foucault mostrou, designar o sexo seria cada vez mais difícil. Para domá-lo num plano real tornar-se necessário reduzi-lo ao plano da linguagem, ou melhor, controlá-lo na sua livre circulação no discurso.

Foi praticamente este controle que ocorreu durante a pesquisa. A ruptura de um processo, o controle de um discurso, a manipulação dos sujeitos pesquisados. Resultado: impacto negativo.

## 8 CONCLUSÃO

O que se quis mostrar nesta pesquisa é que existe oportunidade da escola pública ser diferente, mas ainda prevalece o autoritarismo. Essa interrupção do trabalho pode simbolizar uma própria dificuldade do Estado e dos docentes em lidar com a emancipação dos sujeitos, pelo fato de que, a ampliação do conhecimento sobre sexualidade pode virar uma rebeldia na escola e provocar conflitos não só entre os próprios alunos, como também, entre professores e direção escolar. Isso comprova que os elementos, religião, sociedade e família fazem questão de manter padrões conversadores, mesmo quando o sujeito quer entender seu estado de pertencimento no mundo. Quando o aluno é empoderado de temas que o professor desconhece, todo o ambiente escolar fica com certo receio e medo, tudo isso, porque Educação Sexual apavora.

Esse não reconhecimento da sexualidade dos adolescentes e do ambiente escolar é próprio da repressão, que conforme Foucault (1998) funciona como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência. Pode até parecer que a escola não fala de sexo, no entanto basta observar seus dispositivos arquitetônicos, seus regulamentos de disciplina e sua organização interior para perceber que lá se trata permanente disso, principalmente nos dias atuais onde a tecnologia está cada vez mais presente entre os jovens, como meio de comunicação.

No cotidiano da escola é possível verificar que os discursos relacionados ao exercício da sexualidade são muitos, porém na maioria das vezes, não aparecem nos currículos escolares e nem nos cursos de formação de professores como conhecimento, mas sim como situações/problema. Às vezes, esses discursos aparecem por meio dos próprios protagonistas sociais, nesse caso, os alunos, que fazem circular as informações por vários meios de linguagens da comunicação.

Verifica-se um conflito de interesses, uma contradição no discurso de autorização para pesquisa e o da interrupção, além do despreparo dos docentes em lidar com problemas. Aliás, quando se pretende abordar temas relacionados à sexualidade em ambiente público, como no caso específico da escola nesta pesquisa, o problema vai além dos valores religiosos, familiares, moral e éticos, está no sistema educacional do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. de. *Educação Sexual pelo rádio*. Rio de Janeiro: Circulo Brasileiro de Educação Sexual., 1935.
- ALMEIDA, S. A. *Orientação sexual nas escolas: seria possível se não incomodasse?* 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009
- AQUINO, C.; MARTELLI, A. C. *Escola e educação sexual: uma relação necessária*. ANPED SUL, 2012.
- BARROSO, C; BRUSCHINI, C. *Sexo e juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Educação sexual: debate aberto*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BERNARDI, Marcelo. *A deseducação sexual* . 2 ed., São Paulo : Summus, 1985. 144p
- BIANCO, N. R. D. Aprendizagem por rádio. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. M. M. *Educação à distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- BRANCO, A. S. C. *Eu Confesso. Revelação de uma Amante*. 1. ed. Salvador: KSZ, 2012. 135p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 v.10.
- BUENO. S.M.V. *Educação Preventiva em Sexualidade, DST - AIDS e drogas na escola: Pesquisa Ação e o compromisso social*. 2011. 263 f. dissertação (livre docência). Escola de Enfermagem, Universidade de Ribeirão Preto, São Paulo. 2001
- CARMO, Paulo Sergio do. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2000.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.
- CARLSSON, Ulla; VON FEILITZEN, Cecilia. *A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. Edições UNESCO Brasil, 1999.

COLLECTOR'S. Série Rádio no Brasil. Collector's, 1988. <http://www.collectors.com.br/> ( Acesso no dia 05/05/2013).

DUARTE, Luiz F.D. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. In: Ibid et al. (orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, pp 51-87.

EGYPTO, Antônio Carlos. À guisa de conclusão. In: BARROSO, Carmen; BRUSCHINI, Cristina. *Sexo e juventude: como discutir sexualidade em casa e na escola*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1985. p.79-82.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação Sexual: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira*. Semina: Ciências Sociais/Humanas, v.17, n.3, p.286-293, set. 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação Sexual no dia a dia: 1ª coletânea*. Londrina: [s.n.], 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 2.ed. Londrina: UEL, 2001

\_\_\_\_\_. *Educação sexual : múltiplos temas, compromisso comum (org.)*. – Londrina : UEL, 2009. 190p.

FISHER, Rosa Maria. *Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação*. In: Revista Brasileira de Educação, n.º 20. Campinas: Editores Associados/ANPEd, maio/jun./jul./ago., 2002, p. 83-94.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. P.10-31.

\_\_\_\_\_. (2009). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal.

\_\_\_\_\_. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 44 . ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 210p.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006 (Coleção leitura).

FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOLDBERG, M. A. *Educação sexual: debate aberto*. São Paulo: Aruanda, 1981.

GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Mathias Lambert . 1891, p. 124. Digitalização: 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/default.shtm>.

LAGO, Claudia & ALVES, Patrícia Horta. “Educom.rádio: uma política pública que pensa a mudança da prática pedagógica”. In:III Seminário Latino-americano de Pesquisa em Comunicação – ALAIC. São Paulo, maio de 2005.

LIMA, Zita de Andrade. *Princípios e Técnica de Radiojornalismo*. Revista Comunicações e Problemas. Brasília: 1970, n.º 13, p. 36.

LOURO, Guacira Lopes (org). *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. Autêntica. Belo Horizonte 2000. 127p.

\_\_\_\_\_ o normal, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Júlio César Faria. *Sexo com liberdade*. São Paulo: Vozes, 1995.

MATTELART, A. *História das teorias da comunicação*. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MEC (2009). Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais específicas da educação básica. Brasília, MEC.

MEC. (2014). Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do PNE. Disponível em [http://pne.mec.gov.br/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf). Acessado em 10 de outubro de 2014.

MELO, S. M. M. de. Pacheco, R. da V. P. (2011). *Reflexões sobre a categoria educação sexual como apoio ao desenvolvimento do programa de TV “educação sexual em debate”*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina/UFSC, (artigo final entregue ao DPED/FAED).

\_\_\_\_\_. *Educação sexual nas escolas: algumas reflexões* . 1997.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. 2. ed. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2007.

NUNES, César A. *Filosofia, Sexualidade e educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, 1996, 318p. (Tese de doutorado).



O'SULLIVAN, T; HARTLEY, J; SAUNDERS,D;MONTGOMERY,M;FISKE,J. *Conceitos-chave em Estudos de Comunicação e Cultura*. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

PERUZZO.C.M.K. *O Lugar da Comunicação Comunitária nas Políticas de Comunicação no Brasil*. Trabalho apresentado ao GT Economia Política e Políticas de Comunicação, XVII Encontro da Compôs, na UNIP, São Paulo-SP, em junho de 2008.

PRADO, Magaly. *História do Rádio no Brasil*. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PRIORE, M. D. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

REIS, G.V. *Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920- 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque*. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara , 2006.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In: *Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão*. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Editora Laboratório Editorial FCL, 2002. p. 81-96. RIBEIRO, P. R. M. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO P.R.M, BEDIN Regina Célia, MUZZETI Luci Regina. *Sexo, Sociedade e Educação Sexual no Brasil a partir de um estudo historiográfico*. In: MARTIN, S.A.F, GUIBU, G.Y(org). *Educação em Saúde: Formação para atenção às vulnerabilidades de crianças, adolescentes e jovens em espaços educacionais*. São Paulo: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente 2012.

RIBEIRO, P.R.M. O professor como educador sexual: interligando formação e atuação profissional. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 115-151.

\_\_\_\_\_. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: (Org.). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

\_\_\_\_\_. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: UEL, 2009. p.129-140.

\_\_\_\_\_. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In.: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; MAIA, Ari Fernando (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17-32

RIBEIRO, Cláudia. *A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto*. Lavras, MG: Universidade Federal de Lavras; Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia afetiva*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

ROUDINESCO, E. & PLON, M.; *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SOARES, Ismar de O. (2002a) Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (Org.). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. "Ecossistemas comunicacionais". Educom.rádio - Núcleo de Comunicação e educação ECA/USP, disponível em:  
<http://www.educomradio.com.br/cafe/cafe.asp?editoria=TPROF&cod=447>, 2005.  
 Acessado em 12 de outubro de 2016.

SOUZA, Iara de e SOUZA, Carlos Alberto de. *O poder da rádio na era da educação à distância*. Relatório de Pesquisa UNIVALI. 2007. Disponível em:  
<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/53200713528PM.pdf>. Acesso em: 05 março de 2015.

SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes*. São Paulo: FTD, 1988.

\_\_\_\_\_. *Conversando sobre sexo*. São Paulo: [s.n.], 1983.

TAVARES, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo*. 2ª. edição. São Paulo: Harbra, 1999.

TRAJBER, R; FERRARO, L.A.J. (Orgs.). *Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. 2005a. 359 p.

VITIELLO, Nelson. *A educação sexual necessária* in: Revista brasileira de Sexualidade Humana. São Paulo : Iglu. Volume 6, n.1, 1995.

WEREBE, Maria José Garcia. *Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.36, p.99-110, fev. 1981.

\_\_\_\_\_. *Sexualidade, política e educação*. São Paulo: Autores Associados, 1988.

<http://blogs.jovempan.uol.com.br/dofundodobau/2012/10/18/18-de-outubro-de-1954-o-radio-perdia-roquette-pinto/> (Acesso no dia 05/05/2013)

**ANEXO**

## ANEXO 1 – Protocolo de autorização da pesquisa

**unesp**  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Araraquara




### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NA ESCOLA ESTADUAL HELENA CURY DE TACCA

Franca, \_\_\_ de \_\_\_ de 2015.

Eu, Aline Santana Castelo Branco, responsável pelo desenvolvimento da pesquisa de mestrado, pertence ao curso de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - Araraquara, venho solicitar, através da Direção Escolar, representada pelo Prof. Sebastião Donizeti da Silva, autorização para realizar pesquisa dentro do ambiente escolar com alunos e professores, comprometendo-me a não divulgar nomes dos participantes. O trabalho de pesquisa está sob o título: O Rádio como Instrumento de Educação Sexual: Proposta para Implantação de Programa na Escola, com a orientação do Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.

Atenciosamente,

  
Aline Santana Castelo Branco  
UNESP - Araraquara

  
Paulo Rennes Marçal Ribeiro  
UNESP - Araraquara